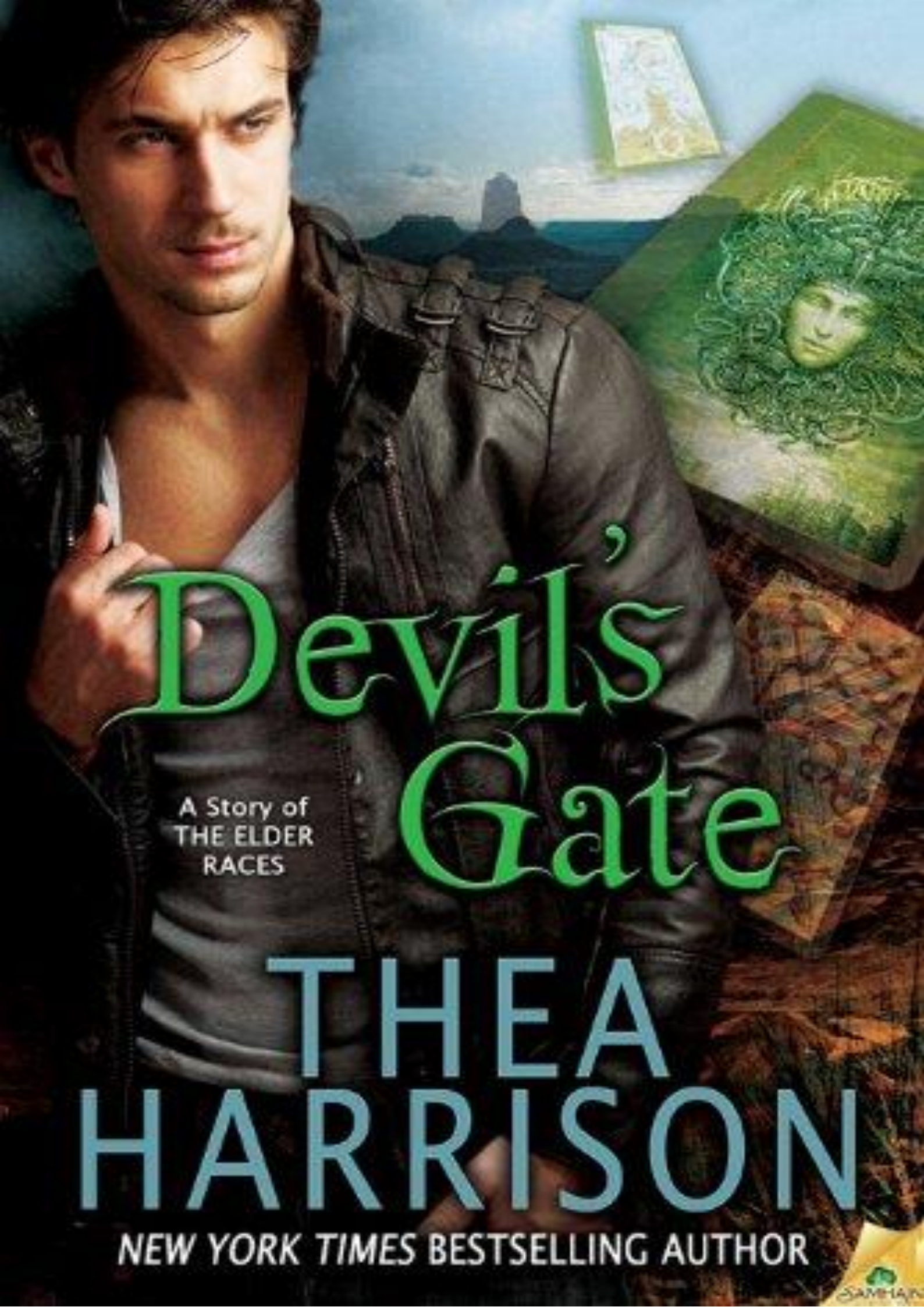




Devils' Gate

A Story of
THE ELDER
RACES

THEA
HARRISON

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR





THEA HARRISON

Elder Races #4.6

DEVIL DATE

Capítulo Um

Sacrifício

SEREMELA TELEMAR ENCOSTOU-SE NO BATENTE DA PORTA DA VARANDA ABERTA EM SEU APARTAMENTO, E OLHOU PARA A VISTA DO MAR. A umidade tropical lambia sua pele. Tão logo havia chegado, abriu as portas da varanda, tirou a roupa de trabalho e vestiu um short jeans e uma regata.

O clima em Miami estava tocando um blues. Como a voz da cantora Nina Simone, que tinha uma vibe¹ sensual escura com uma borda amarga e uma pressão inesperada. Maciças nuvens mal-humoradas obscureceram o sol enquanto agitavam sobre águas turbulentas. A chuva forte caía em grossas colunas verticais. Como em uma cena de filme, tudo o que era necessário era um homem cansado do mundo em um terno Bogart², dedilhando teclas marfim de piano em um hotel abandonado, enquanto esperava por um furacão.

Uma de suas cobras caiu sobre o ombro e levantou-se a olhar para ela, contemplou suas joias com olhar curioso. Ela provou o ar carregado de tempestade com uma língua delgada. Seremela passou suavemente um dedo ao longo da cobra, que deslizou para mais perto e descansou a bochecha contra a dela. Com outro humor, poderia ter sorrido, mas não nesta manhã.

Ela realmente faria isso novamente?

¹ Vibe: significa **vibração**, em português, e é um termo em inglês.

² Marca de terno de alta costura.

Sim. Sim, faria.

Seremela suspirou, pegou o telefone celular e bateu na discagem rápida. Segurou-o na orelha. Ouviu a voz feminina tensa do outro lado.

— Serrie?

— Sim. -disse à sua irmã, Camilla. — Eu irei buscá-la.

— Oh, graças aos deuses. -Camilla disse fervorosamente.

— Eu não acho que você deveria agradecer aos deuses. - Seremela destacou irritada.

— Claro que não! -disse Camilla rapidamente. — Obrigada, Serrie! Você sabe o quanto isso significa para mim. Vetta não se importa comigo, nunca ouve nada que eu digo, e sei o que aconteceria se eu tentasse buscá-la sozinha. Ela explodiria e diria que tudo é minha culpa, novamente, e a luta poderia se arrastar por horas e horas e iria tornar tão público quanto pudesse apenas para me humilhar, ela sabe o quanto eu odeio alterações públicas...

— Camilla. -o tom de voz de Seremela era afiado o suficiente para que cortasse o seu balbuciar. A outra mulher ficou em silêncio. — Preciso que você me ouça agora.

— Claro, o que você precisar. -disse rapidamente.

— Esta é a última vez que vou largar tudo para ajudar a resolver os seus problemas e os seus erros.

— O que quer dizer, a última vez? -o tom de Camila era cauteloso.

— Não posso continuar colocando minha vida em espera toda vez que algo dá errado para você, ou a cada vez que você e Vetta tem um problema que você não pode resolver. Eu comecei agora um novo, e muito exigente trabalho. Meus patrões são pessoas maravilhosas, e são

muito bons para mim, mas há apenas um tanto de coisas que eu posso pedir-lhes. Tempo ilimitado fora a qualquer momento não é uma dessas coisas.

A voz de Camilla soou fria.

— Ela é sua sobrinha. Eu pensei que você se preocupava com o que acontecia com ela.

Seremela conteve a raiva. Agora era a hora para a viagem de culpa, mas sempre era a hora para a viagem de culpa, sempre que não fizesse o que Camilla queria, ou dissesse o que ela não queria ouvir. As crianças eram raras para todas as raças mais velhas, e desde que Vetta nasceu, Camilla tinha a perspectiva distorcida do que o mundo lhe devia, por alcançar tal milagre precioso.

— Claro que eu a amo. -Seremela afirmou. — E me preocupo com o que acontece com ela. Por isso que estou concordando em fazer esta viagem. Mas ela é sua filha, e tenho que concordar, Vetta está fora de controle. Você tem que descobrir como resolver as coisas com ela. Precisa ter aconselhamento, Camilla, não só para si, mas para Vetta também.

— Eu tenho que ir. -disse Camilla.

Seremela revirou os olhos.

— Claro que tem. -falou tarde demais, um som de discagem soou em seu ouvido. Camilla havia desligado na cara dela.

Ela resistiu ao impulso de jogar o Iphone na parede. Em vez disso, verificou novamente seu e-mail de trabalho.

Ainda não havia resposta de qualquer um dos seus novos empregadores, Carling ou Rune.

Para ser justa, enviou o e-mail há pouco tempo atrás, quando foi ao escritório para preparar a mesa para uma licença de ausência. Arrependimentos profundos, emergência

familiar, precisava se afastar do trabalho, entrará em contato em breve, blá blá blá. Escreveu o mesmo tipo de carta tantas vezes ao longo dos anos, que poderia compor uma dormindo.

Quantas vezes se sacrificou no altar da carência de Camilla? Ela soltou um suspiro. Muitas vezes para contar.

Se esperasse Camilla aprender a assumir a responsabilidade por sua própria vida, Seremela teria que fazer o mesmo. Sem se dar conta, havia reforçado o comportamento dela ao longo dos anos. Agora era tempo para concentrar sua energia na construção de uma nova vida para si mesma.

Afinal de contas, a razão para se mudar para Miami era assumir um novo emprego e fazer pesquisas médicas que ela realmente queria fazer, construir uma nova vida e explorar novas oportunidades e horizontes. Não era tarde demais para sair da sua protegida concha acadêmica.

Sua adversária, uma voz pequena e venenosa sussurrou na sua mente, que a única confiança que sempre encontrou foi na sala de aula ou laboratório. Quando não estava lecionando sobre um corpo autopsiado, se transformava em uma tola torpe. Não namorava há anos, décadas na verdade, e raramente fazia novos amigos. Nunca terá os próprios filhos, nem se imporá à sua irmã. Estava começando uma nova vida como a velha que sempre foi. Tudo, os velhos problemas e fraquezas vieram juntos, assim como pode esperar realmente mudar alguma coisa?

Esfregou a testa, cansada. Todas as medusas acreditavam que nasciam com uma gota de veneno em sua alma. O veneno virava adversário da medusa, a voz sombria que sussurrava dúvidas e medos em seus próprios pensamentos. A medida da força de uma medusa era determinada pelo quão bem resistia ao adversário interno. Seremela tentava superar a voz negativa, mas o seu próprio adversário tinha um monte de munição para usar contra ela.

Seremela forçou-se para se concentrar na tarefa em mãos. Não havia nenhuma razão para adiar por mais tempo, fingindo que estava à espera de uma mensagem de retorno dos patrões. Muitos empregadores foram muito compreensivos sobre as emergências familiares pelo menos na primeira vez. E Carling e Rune eram melhores do que muitos outros empregadores. Eles sempre mostravam o quanto a valorizavam.

Suspirou, jogou o celular sobre a mesinha de centro e foi fazer as malas.

Sério, quando encontrasse Vetta, iria torcer o pescoço da garota. Isso iria resolver qualquer potencial problema com novos confrontos ou conflitos. Não curaria Camilla da carência dela ou obteria uma vida fora do trabalho, mas estava tudo bem, cuidaria de tudo, como sempre. Montes e montes de responsabilidades.

Uma batida soou na porta do apartamento. As pálpebras em seus olhos se fecharam em surpresa, e fez uma pausa, sutiãs agarrados numa mão e calcinhas na outra. Soltando as diáfanas e coloridas calcinhas na gaveta aberta, correu para a porta e espiou pelo olho mágico.

Um homem de cabelo escuro estava do outro lado da porta, parecendo que tinha acabado de sair de uma edição da revista GQ. Ele estava em uma postura casual, as mãos nos bolsos de um terno de linho costurado à mão, a jaqueta desabotoada. Cada linha cara da roupa sob medida, enfatizava o corpo magro e bem moldado. O cabelo preto elegante, mergulhado em uma corte de navalha, caía em sua testa, como se tivesse acabado de correr os dedos por ele. Os olhos eram tão escuros como o cabelo e brilhavam com inteligência. Em contraste, a pele era de marfim, comprovando a palidez de um homem que nunca viu a luz solar.

Porque se ele fizesse, desapareceria em uma chama de fogo.

Duncan Turner, advogado internacionalmente famoso e o mais jovem descendente de um dos vampiros mais poderosos do mundo, estava na sua porta? No meio da manhã?

Uma vez que suas pálpebras piscavam, elas não paravam. Elas se abriram. Fecharam novamente. Abriu novamente. Fechou novamente. Era a versão de uma medusa com soluços nervosos.

Ela jogou a cabeça para trás e esfregou os olhos rapidamente para fazê-los parar. Quando os abriu novamente, viu que várias de suas cobras estavam tentando olhar através do olho mágico, empurrando umas as outras para fora do caminho.

Seremela as agarrou, reunindo-as freneticamente. Elas agilmente deslizavam para fora de suas mãos, tentando voltar para o olho mágico.

Esqueça o namoro. É por isso que não jogo pôquer, pensou. Porque tenho muitas cobras opinando, e elas são todas muito teimosas.

Duncan bateu na porta novamente, fazendo-a saltar.

— Seremela? -ele chamou. — Você está em casa?

Mesmo através da porta, a voz rica de barítono causou arrepios na pele dela. Sua agitação enviou todas as cobras a ondularem.

“Pelo amor de Deus, parem com isso!” Ordenou telepaticamente. Em voz alta, disse:

— Sim, eu...estou em casa! Espere só um momento. Já estarei com você!

Agora todas as cobras estavam tentando olhar para fora da porta. Elas sabiam que Duncan estava lá. Elas gostaram de Duncan. Muito.

— Acalmem-se, caramba. -sussurrou em voz alta.

Como de costume, elas a ignoraram. Algumas medusas idosas eram famosas por seu controle sobre suas cobras, e tudo o que faziam ou diziam era uma sinfonia graciosa de movimento coordenado.

Não Seremela. Oh não, elas nunca prestaram atenção a uma palavra do que ela falava, e há muito havia desistido de exercer um verdadeiro controle sobre as suas cobras. Era como um embalar de poodles mal treinados.

— Seremela? -Duncan chamou de novo.

Parecia... intenso, mas depois ele sempre soou intenso, os sabores e as notas em sua voz em camadas, eram como um vinho bem envelhecido. Ele era um mestre de nuances e uma das mais afiadas mentes jurídicas do mundo, e, ela o admirava pra caramba, e a deixava nervosa.

E não ajudava nem um pouco que a voz dele, como a dos atores Alan Rickman ou Liam Neeson, era encantadoramente bonita. De acordo com Carling, Duncan raramente fazia aparições no tribunal, mas quando fazia, outros advogados, juízes e profissionais da área jurídica de diferentes territórios viajavam de todo o mundo apenas para ouvi-lo falar.

Agora parecia dividido entre a diversão e preocupação.

— Está tudo bem. -ela gritou atrás da porta. Dizer isso era estúpido, especialmente em face da sua emergência familiar. Se pudesse, subiria na cama e puxaria as cobertas sobre a cabeça. Sobre todas as suas cabeças. — Você só me pegou de surpresa. Espere um momento.

—Leve o tempo que precisar. -eEle concedeu.

Sua voz. Deuses, ela tinha certeza que ele poderia levá-la ao orgasmo apenas falando. Esse pensamento não fez nada para ajudá-la a apresentar uma atitude serena, confiável, nem acalmava as malucas animadas na sua cabeça. Ela ergueu as mãos e atravessou o apartamento, de volta ao seu

quarto, onde pegou um lenço e envolveu rapidamente ao redor das cobras com experiência, começando na parte de trás da cabeça.

A expectativa de vida normal para medusas era de cerca de quatrocentos e cinquenta a quinhentos anos, e suas cobras ficavam mais longas e mais venenosas à medida que envelheciam. Bebês e crianças pequenas tinham cobras tão pequenas como os dedos, o veneno de suas mordidas é quase tão irritante quanto uma picada de mosquito, enquanto anciãos, tinham cobras que muitas vezes arrastavam aos pés ou ao longo do chão. Uma única mordida de cobra de uma anciã poderia fazer um adulto muito doente, e causaria quase morte certa a humanos e a várias outras raças.

Seremela estava no final da meia-idade, cerca de trezentos e oitenta anos de idade, e suas cobras alcançavam um pouco mais do que os quadris. Ela nunca se sentiu ameaçada ou com medo suficiente para causar mordida de cobra a ninguém. Ela puxou a massa sobre um ombro e trabalhou rapidamente para baixar seu comprimento.

Elas não queriam ficar envolvidas no lenço, realmente, era como colocar crianças para dormir uma sesta e sua agitação aumentava, até que finalmente abrigou todas confortavelmente e as colocou de volta por cima do ombro novamente. Uma vez que elas estavam escondidas em um lugar escuro e quente, elas sossegaram. Mesmo quando saiu do quarto, já sentia que estavam quase dormindo.

Respirou fundo e correu para abrir a porta. Duncan, que estava à espera no corredor, voltou-se rapidamente para encará-la. O escuro olhar inteligente observou-a por um momento. Ela sentiu o rosto ficar quente na preocupação aberta em sua expressão.

Ela abriu a porta mais amplamente, para dar uma desculpa para se afastar de sua penetrante atenção observadora e ser hospitaleira.

— Por favor, entre.

— Obrigado. -mãos ainda enfiadas nos bolsos, Duncan caminhou para dentro do apartamento.

Sua boca secou ao vê-lo. De certa forma ele parecia normal. Era apenas alguns centímetros mais alto do que ela. E não era de grandes dimensões. Tinha uma pura construção compacta, e quando se movimentava algo único tornou-se tangivelmente manifesto, como sua afiada inteligência, tranquilidade fluía por seu corpo.

Todos os vampiros tinham a mesma elegância, a graça inumana, mas nem todos eles afetavam Seremela da mesma maneira que Duncan. Ela baixou a cabeça e fechou a porta. Quando se virou para encará-lo, encontrou-o estudando-a novamente. Ela ficou ainda mais autoconsciente, muito consciente da quantidade de pele nua exposta pelo acanhado, material fino de sua blusa vermelha e short. As unhas estavam pintadas de um brilhante verde limão atrevido.

Ela olhou para as pernas nuas, em seguida, de volta para ele.

Se estivesse vestindo suas roupas de trabalho, e um cadáver dissecado em uma mesa entre eles. Ela saberia o que dizer e como agir. Ainda assim, ela teve que começar em algum lugar.

— Eu não estava esperando companhia.

— Espero que não se importe que vim sem aviso prévio. -a voz dele era uma carícia invisível.

Ela estremeceu quando sua mente forneceu as mesmas imagens fantasiosas da cena, agora o homem tem o rosto de Duncan, vestido com um terno Bogart, acariciando com dedos longos e hábeis as teclas do piano, com a cabeça baixa e um sombrio olhar melancólico. Em seguida, ela entra na sala e ele se vira para ela com feroz alegria para dar-lhe um

olhar que dizia que eles são as únicas duas pessoas no mundo.

Realidade pesada bateu no lugar ao seu redor. Argh. Onde eles estavam? Oh, ele havia dito alguma coisa. Isso significava que era a vez dela, certo? Argh, onde havia um corpo morto quando ela necessitava desesperadamente de um? Ela se atrapalhou para uma resposta adequada.

— Não, claro que não.

Seu olhar tinha permanecido em sua cabeça. Ele deu-lhe um pequeno sorriso grave.

— Sinto muito que as *The Little Rascals*³ estejam escondidas hoje.

Ruborizando, ela tocou a parte traseira de sua cabeça com uma mão. Muitas pessoas sentiam medo ou repulsa por serpentes de medusa, e em vários momentos ao longo da história, medusas foram perseguidas e mortas por causa disso. O exemplo mais famoso de uma medusa ser assassinada foi na Grécia antiga, quando Perseu havia decapitado a mulher que supostamente era muito feia, a visão dela pode transformar as pessoas em pedra.

Mas Duncan não era como a maioria das outras pessoas. Ele parecia apreciar as cobras, e ele a tratou com diversão indulgente quando flertou com ela na festa de solstício de inverno de Rune e Carling, a Masque. Suas cobras não têm o menor problema com situações sociais, não que elas se comportassem de forma adequada.

Uma vez em uma festa de trabalho, ela ficou tonta e extremamente vertiginosa enquanto falava com a mulher que era sua chefe na época. Quando ela se virou, pegou várias de suas cobras rodando em restos de álcool no fundo de várias taças sobre uma mesa atrás dela. Felizmente, sua patroa

³ Filme de comédia infantil de 1994. No Brasil foi chamado de *As Batutinhas*.

achou divertido e ajudou a chamar um táxi para ela voltar para casa.

— Elas precisavam dormir. -confessou. —Que surpresa ver você, Duncan, especialmente no meio do dia.

Seu sorriso se alargou rapidamente antes que desaparecesse.

—Lembrei do layout do seu prédio e da garagem subterrânea quando a deixei após a festa do Masque. É uma simples questão de estacionar na garagem e subir no elevador, e as janelas no final do corredor são bastante fáceis de evitar. Este edifício é muito amigavelmente vampírico.

— Entendo. -concordou.

Duncan levou o Aston Martin prata V12 Zagato, com janelas que foram aplicadas proteção UV espectro completo. O preço do carro tinha que ser bem mais de metade de um milhão de dólares, mas quando você era o sócio fundador de um dos escritórios de advocacia estreantes nos Estados Unidos, especializado em raças Elder interterritorial, pode pagar algumas vantagens invulgarmente agradáveis.

Ela olhou para as portas da varanda abertas, que levaram ao pátio. Duncan estava longe delas, e ainda estava escuro lá fora, chovendo muito. Apesar do apartamento ser de frente para o leste, não havia nenhum perigo do sol transpassar as janelas até que a tempestade passasse. Sem dúvida, Duncan já havia calculado tudo isso mesmo antes de entrar no apartamento. Para ele, qualquer contato com o sol seria insuportável e se tornaria letal dentro de uma questão de segundos. Ele deve estar ciente da posição do sol a cada momento da sua vida.

Ela se virou para ele e encontrou seu olhar.

— O que posso fazer por você?

— Estou me intrometendo onde não fui convidado, Seremela. -disse ele sem rodeios. — E espero que você me

perdoe por isso. Aconteceu de estar em uma reunião com Carling quando ela recebeu o seu e-mail. Eu sei que você tem uma emergência familiar, e eu queria ter a certeza que estava bem.

Seus lábios se separaram e os olhos arregalaram. Ela havia deixado sua posição de legista em Illinois e se mudou para Miami, para se concentrar em uma pesquisa científica privada para Carling e Rune.

Desde então ela havia gostado de conhecer Duncan.

Duncan era o mais jovem progênie de Carling, e como advogado de Carling e Rune, ele estava trabalhando em estreita colaboração com eles na criação da nova agência. Seremela era uma das primeiras funcionárias da agência.

Duncan não era o chefe de Seremela, mas ele estava ciente de todas as decisões administrativas feitas por Carling e Rune, e eles certamente não hesitariam em mencionar assuntos confidenciais a ele.

Como o grupo era pequeno e novo na área, tendiam a socializar juntos, bem como trabalhar em conjunto. Seremela e Duncan compartilharam boas conversas em eventos do grupo, e esperava que pudessem ter começado a desenvolver uma amizade, mas vir em pessoa para ver como estava seu bem-estar era além de qualquer coisa que ela poderia ter esperado.

— Você está bem? -ele perguntou gentilmente inclinando a cabeça. — Você não teve uma morte na família, não é?

— Não! -deixou escapar. — Não, eu não tive. Duncan, isso foi gentil da sua parte. Obrigada.

— Ah, que bom. -os ombros dele relaxaram, e deu aquele sorriso torto que era tão malditamente encantador. — Ninguém morreu, e você não está com raiva de mim por me intrometer. Eu conto as duas coisas como positivas. Você se

importa se eu perguntar o que aconteceu? Estamos todos chegando a Miami, e é fácil se sentir excluída e sozinha. Carling e eu estávamos preocupados que você pudesse precisar de ajuda, mas não se sentindo confortável o suficiente para pedir.

Ela gemeu e fez um gesto.

— Eu acabei de descobrir que a minha sobrinha fugiu de casa há alguns meses. Minha irmã manteve em segredo todo esse tempo. Contratou um detetive para encontrar Vetta, que é a minha sobrinha e agora que a encontrou, preciso levá-la para casa.

O olhar de Duncan mostrava interesse enquanto ela falava.

— Acha que sua sobrinha está bem?

— Sim, tanto quanto entendo, ela está. Essa menina tem muito talento para encontrar problemas, porém, se não conseguir encontrar um problema, ela vai criá-lo. Eu tenho medo por ela, por isso não posso falar com você por muito tempo. Estou em modo de espera, me preparando para ir ao aeroporto, pegar o primeiro voo disponível.

— Sua irmã deve estar grata que você vai com ela para pegar Vetta.

Seremela balançou a cabeça.

— Oh, minha irmã não vai pegar Vetta.

As sobrancelhas escuras e elegantes de Duncan baixaram.

— Desculpe?

Seremela deu-lhe um olhar seco.

— Camilla não pode enfrentar o conflito. -explicou. — Estou indo pegar Vetta sozinha.

— Perdoe-me mais uma vez. -a carranca dele se aprofundou. — Estou bem ciente de como intrometido pode parecer, mas não gosto do som disso.

— Bem, isso é o que é. -deu de ombro. — Embora eu saiba como irritante essa declaração pareça para um monte de gente também. Agora a coisa mais importante é fazer com que Vetta volte pra casa em segurança, e isso significa me mover o mais rápido possível, agora que sabemos onde ela está. Todo o resto pode ser tratado mais tarde.

Enquanto falava, Duncan virou-se para olhar para a porta da varanda aberta. Ele não se importava a mínima. Deu a ela a oportunidade de estudar o perfil dele.

Havia linhas leves esculpidas nos cantos de seus olhos e a expressiva boca bem formada. Ele deve ter tido em torno de trinta anos quando Carling o transformou, na Califórnia Gold Rush, em meados do século XIX.

Enquanto ele usaria para sempre o rosto de um homem jovem, havia indícios sutis que falavam o contrário. Ele carregava certa seriedade em sua presença, que simplesmente não existia em homens mais jovens. De alguma forma, carregava o peso dos anos e da experiência sem parecer muito pesado.

Oh, ela gostava dele, muito. Torceu os dedos e ofereceu:

— Eu também pensei em perguntar ao detetive se ele poderia ir comigo.

Duncan apertou a boca. A pequena expressão pensativa já escavando a magra bochecha, acentuou a forte linha das maçãs do rosto.

— A maioria dos detetives não se envolve pessoalmente, especialmente tratando de um assunto familiar. Preferem trabalhar na documentação de divórcios, verificações de antecedentes e esse tipo de coisa.

— Eu sei. —ela disse em voz baixa, havia pensado em contratar alguém capacitado a tirar pessoas de seitas, de drogas e de outras culturas subversivas. Mas não tinha certeza se qualquer intervencionista profissional concordaria em lidar com algo tão trivial como Vetta, demente e puramente sangrenta. Vetta não era viciada nem sofreu lavagem cerebral. Ela era apenas contrária a todos. Tinha vinte anos, o que era especialmente infeliz desde que significava maioridade civil. Medusas envelheciam mais lentamente do que os humanos, e a maturidade emocional de Vetta era mais como uma jovem adolescente humana do que um adulto crescido.

— Onde está sua sobrinha agora? -perguntou, olhando para ela.

— Ela está no Portão do Diabo. -Seremela fechou os olhos e suspirou..

— Portão do Diabo? -giroou bruscamente para encará-la.

— Vejo que você sabe sobre isso. -a voz dela era plana.

— Claro que sei. -resmungou. — Maldição.

Capítulo Dois



PORTÃO DO DIABO. SIM, DUNCAN SABIA SOBRE ELE.

Esse período de sua vida estava indelévelmente gravado em sua mente. Ele viveu seus últimos dias como humano e suas primeiras noites como vampiro durante a corrida do ouro desenfreada em São Francisco. Ele acordava à noite, faminto por sangue fresco e jornais. Deuses, ele havia amado aquele tempo. Havia sido selvagem, ganancioso e anarquista, e todo mundo era escultor, esculpindo seus futuros e fortunas da melhor maneira que sabiam.

Duncan havia lido a notícia no jornal Pacífico Coureira sobre o Portão do Diabo. Em junho de mil oitocentos e cinquenta, uma pepita de ouro foi descoberta no Portão do Diabo, que ficava ao norte da Cidade da Prata em Nevada ocidental. Durante dez anos, toda a área tornou-se o palco de frenéticas minerações. A corrida do ouro em Nevada foi ainda mais selvagem do que a corrida do ouro na Califórnia, alimentada por um fio de terra mágica que correu como mercúrio líquido em todo o deserto, montanhas e rochedos.

Formado a partir de rocha de lava, o próprio Portão do Diabo foi explodido e ampliado para criar uma estrada com caminho na rota da Cidade de Virginia. A abertura estreita logo se tornou famosa como um popular esconderijo para assaltantes, e quem quisesse passar ao longo do percurso com segurança tinha que viajar armado.

Mesmo com os últimos cento e sessenta anos de pesquisas e, com técnicas topográficas modernas, ainda hoje era possível encontrar uma veia de magia rica em metal. Em Nevada oriental, o Nirvana Silver Mining Company fez exatamente isso, quando a companhia acidentalmente

explodiu uma passagem para um pequeno bolso de Other Land se depararam com um rico nó de prata mágica.

Há alguns meses, em março, a notícia da descoberta explodiu na mídia. A lei era muito clara sobre os direitos de mineração e exploração em Other Land. Mesmo que a passagem estivesse nas instalações da empresa em Nirvana, e mesmo que não houvesse povos nativos vivendo em Other Land, a mineradora não tinha direito legal de tirar proveito da veia recém-descoberta de prata.

Sucumbindo à ganância, o proprietário da empresa havia importado trabalhadores sem documentos e manteve-os contra a vontade deles, forçando-os a trabalhar em tais circunstâncias desumanas que vários haviam morrido. O Tribunal Elder em uma missão pacificadora de rotina descobriu os crimes.

A magia que corria através da rocha no Portão do Diabo nunca conduziu a um cruzamento completo de passagem, pelo menos não um que já tivesse sido descoberto e documentado. Mas depois do que aconteceu no Nirvana Company, que tirou prata com centelhas de magia de Other Land, foi o suficiente para inflamar a imaginação de muitas pessoas.

Depois de tudo, se uma passagem que conduz a um rico nó de prata mágica foi descoberta recentemente, em Nirvana, quem sabe o que se pode descobrir na terra das bruxas no Portão do Diabo? Talvez houvesse lascas de ouro ainda desconhecidas, ou mais prata, ou até mesmo mais passagens que levassem para outras terras escondidas.

Milhares de pessoas, ambas as raças Elder e humana, convergiam sobre o lugar. Eles perseguiam o ouro e a prata, magia e sonhos do tolo de riqueza repentina.

Quase durante a noite uma grande cidade de barracas e trailers surgiu em Gold Canyon. Em meados de Abril, cerca de sessenta mil pessoas haviam atingido o acampamento. No

final de maio, a cidade de tendas tinha crescido para mais de duas vezes esse tamanho. Desesperados por oportunidade e um novo começo, imigrantes ilegais se derramaram no norte do México, enquanto charlatões golpistas, turistas, prostitutas, traficantes de drogas e ladrões chegaram de todo o mundo, criando briga e bagunça que ficou mais confusa e mais violenta quando o solstício de verão chegou mais perto e a temperatura do deserto escalou em conformidade.

O Estado de Nevada foi apanhado completamente desprevenido. Legisladores se esforçavam para organizar uma forma eficaz de lidar com a situação, os recursos já severamente sobrecarregados de uma recessão econômica longa. Eles não têm a força de trabalho policial para uma cidade inteiramente nova que surgiu durante a noite.

A última notícia que Duncan ouviu falar foi que, o Estado apresentou vários apelos por ajuda, para o território Nightkind da Califórnia, para o território Demonkind do Texas, e para o Governo Federal humano.

O processo parou em uma questão essencial, qual jurisdição deveria resolver o problema? Se mais de cinquenta por cento da população na cidade de tendas eram criaturas das raças Elder, provavelmente, a jurisdição e responsabilidade de policiamento caia sobre o ancião da raça Elder. Mas ninguém poderia responder à pergunta, porque ninguém havia realizado um censo. Não ouve tempo.

E Seremela pretendia caminhar sozinha nessa fossa?

A mandíbula de Duncan apertou quando olhou para ela.

— Você não quer fazer isso, Seremela. -desta vez ele nem se incomodou com um pedido de desculpas por se intrometer. Determinação endurecia o seu rosto e corpo. — Ela não vai fazer nada.

Uma faísca de diversão entrou no seu colorido olhar inteligente.

— Se por “ela não vai fazer nada” significa que Vetta não precisa de autorização para causar estragos a milhares de pessoas inocentes no Portão do Diabo, você estaria certo. Essa menina é como água corrente ladeira abaixo. Ela pode encontrar o menor denominador comum em praticamente qualquer situação.

— Acho que você sabe muito bem que não é o que eu quis dizer. -ele apontou.

Ele não encontrou muitas medusas antes dela. Elas são raras, e compreendem apenas uma pequena fração da população Demonkind, e também tendem a ser bastante comunal.

Seremela era estranha para ele, e adorável, com ossos finos, traços femininos e olhos azuis esverdeados que tinham fendas verticais nas pupilas. Ela parecia com um pequeno lado de uma medusa, que era em torno da altura média para uma mulher humana, com uma cintura elegante e arredondado seios e quadris. A pele era de um verde pálido cremoso, que tinha um padrão iridescente fraco que se assemelhava ao padrão de pele de cobra, mas ele tocou a mão dela antes em outras ocasiões, e sentiu a pele macia e quente totalmente humana. Ele amava sua beleza exótica. Suas cobras eram francamente maliciosas, e ele as amava também.

Acima de tudo o que o atraía para ela era sua inteligência e sua natureza gentil. Ela era uma médica, patologista e uma acadêmica. Suas cobras eram venenosas, o que acrescentava fascínio, porém muitas criaturas, como ele, eram imunes ao seu veneno.

E em qualquer caso, ela teria de ser pega em uma situação extrema o suficiente para que as cobras se sentissem ameaçadas para morder. Mesmo os venenos que agem mais rapidamente tomavam pelo menos alguns momentos antes de agir. Em uma luta física, aqueles poucos momentos poderiam facilmente significar a diferença entre a vida e a morte.

Ela poderia ser mortal, mas também era vulnerável.

Incapaz de resistir, ele estendeu a mão para pegar a dela, e ela deixou. Ele aproveitou a sensação de seus dedos quentes delgados descansando em seu aperto. Ela as mantinha arrumadas, unhas ovais aparadas, uma opção prática para uma médica legista e pesquisadora.

— Você não pode ir sozinha ao Portão do Diabo. É muito perigoso.

Ela não protestou nem parecia estar com raiva de sua linguagem presunçosa.

Em vez disso, olhou para suas mãos unidas quando ressaltou:

— Minha sobrinha está lá sozinha.

— O que, nós dois podemos concordar, não é aceitável.

O sorriso nos olhos dela esmaeceu, a expressão fechou e ela olhou para o chão.

— Bem, não há qualquer outra opção. Passei metade da noite e grande parte desta manhã tentando descobrir a melhor forma de lidar com isso.

— Tem que haver alguma outra forma. -ele disse.

— Não tem. -a voz dela se transformando em plana novamente. — Não há recurso legal. O Estado não pode mesmo manter a área devidamente policiada. Eles certamente não têm recursos para enviar alguém para procurar uma pessoa, que posso garantir que não quer ser encontrada. E, francamente, não quero intimidar a minha irmã a ir comigo. Ela só torce as mãos, chora, reclama e seria inútil. Confie em mim, eu teria muito mais problemas do que vale a pena.

— Entendo. -ele ergueu as mãos unidas e apertou os lábios contra os dedos dela. Ela congelou, o olhar assustado piscando de volta para ele. — Mas, no entanto, ainda não posso deixá-la ir para o Portão do Diabo sozinha.

Desta vez, ela notou a sua linguagem.

— Você não tem que me deixar fazer nada. -repetiu com uma cuidadosa falta de ênfase.

Ele sabia exatamente o que parecia, e estava completamente arrependido por isso.

— Não pode ir sozinha, Seremela. -ele sublinhou.

Os ombros dela caíram e tentou puxar a mão, mas não conseguiu.

— Embora eu entenda que diz isso para o meu bem, não tenho tempo para discutir com você. O meu táxi estará chegando em menos de meia hora, e não terminei as malas ainda.

— Cancele o táxi. -ele apertou os dedos dela.

— Duncan...

Ele a puxou para mais perto, até que ficaram frente a frente, e olhou profundamente em seus estranhos belos olhos.

— Cancele. -repetiu. — E tome o seu tempo pra arrumar as malas. Eu vou conseguir um voo mais rápido para Reno, em seguida, voltarei para buscá-la.

Ele podia ver a expressão de perplexidade se formando.

— Eu não tenho certeza do que dizer.

Em função do número de pistas que ele deu, a confusão parecia notavelmente inocente e totalmente adorável. Levantou uma sobrancelha.

— Você não tem que dizer nada. Ou melhor, descubra isso enquanto faz a mala. Então poderá me dizer, seja o que for, durante o voo, já que vou com você.

Surgiu uma deliciosa cor de rosa lavado intoxicatingly⁴ debaixo de sua pele iluminada e cremosa.

— Você vai?

— Vou. Agora, não discuta comigo. -disse quando ela tomou uma respiração rápida. Ele começou a se perguntar o quão longe ela iria deixá-lo empurrá-la. Não perguntando sobre os limites da relação deles, e o que ela fez para que ele cruzasse. Ele começou a gostar dela ainda mais do que já gostava. — Apenas faça o que eu digo.

Ela fechou a boca com um estalo.

— Não é possível. Não. Não. Você já usou um monte de proibitivas sonoridades arcaicas nos últimos quinze minutos.

Ele poderia dizer que ela não estava realmente irritada. Ela era sempre muito gentil, advertindo-o a não ir longe demais. Agradou tanto que ele correu a ponta de um dedo levemente pelo seu rosto.

— Você deve ter notado minha querida. -sussurrou. —Que eu sou o típico cara do século XIX.

Ele a deixou soltando faíscas como nunca, e passou um tempo agradável no elevador, enquanto descia para a garagem pensando o que ela iria dizer quando ele voltasse. Poucos minutos depois, ligou para Carling, mas foi Rune quem atendeu.

Carling era vampira, mas Rune era Wyr. Pouco menos de um ano atrás, ele era o Primeiro Sentinela de Dragos Cuelebre, Senhor dos Wyr em Nova York, até que se uniu a Carling. Rune e Carling haviam se mudado para Miami, e por vários meses se reuniram com talentos subutilizados de vários territórios diferentes.

Agora Rune e Carling estavam criando uma agência de consultoria internacional para que pudessem colocar em uso o talento que reuniram em torno deles. Algumas peças da

⁴ Um delicioso prato feito com carne de porco misturada com vários condimentos diferentes.

agência, tais como consultas com o Oráculo, seriam operadas em uma taxa de escala móvel, e outras partes seriam baseadas só no lucro. Carling deve ter dito a Rune sobre o e-mail de Seremela, ou talvez Rune tivesse lido isso por si mesmo.

— Seremela e eu precisamos voar para Reno. -Duncan disse ao companheiro de Carling.

— Cer...certo. Duncan, seu cachorro.

— Alguém tem que ir com ela. -Duncan sorriu para si mesmo enquanto pegava o tráfego da tarde. Ele gostava de Rune. Aprenderam a trabalhar bem juntos quando tinham viajado para o Dark Faede Other Land de Adriyel para fazer a segurança de Niniane Lorelle para sua coroação como rainha de DarkFae.

— Sério, está tudo bem?

— Espero que sim. Seremela tem uma sobrinha em fuga, de todos os lugares acabou no Portão do Diabo. -fez uma breve pausa enquanto ouvia Rune murmurar uma maldição. — Estamos indo para extraí-la a partir da situação e levá-la para a casa da mãe dela.

— Algo que podemos fazer?

Uma das primeiras aquisições que a nova agência de consultoria comprou, foi um jato particular que poderia acomodar até doze pessoas e que tem a capacidade de viajar internacionalmente. Eles estavam falando sério sobre a agência e foram alocar dinheiro suficiente para configurar os principais recursos de primeira qualidade.

Claro que Duncan estava bem ciente de que o avião também tinha a capacidade de viajar bastante confortavelmente para todo o EUA continental.

— Seria bom um avião para chegar a Nevada tão rapidamente quanto possível, antes da sobrinha ter a chance de se machucar.

— Isso é bastante urgente para negociar um favor a menos com um Djinn? -Rune ofereceu.

Duncan considerou seriamente a questão. A maior parte das pessoas nunca sequer conhecia um Djinn. Menos ainda seriam capazes de chamar a atenção de um Djinn tempo suficiente para negociar com um. Duncan e Seremela estavam familiarizados com Khalil e poderiam falar com ele, mas a sensibilidade de Khalilera era tal, que ele provavelmente não veria nada de errado com a negociação por um favor em troca. Embora a situação no Portão do Diabo fosse insegura e volátil, dever um favor a um Djinn poderia ser caro e um negócio ainda mais perigoso a longo prazo.

— Acho que não. Ainda assim, devemos chegar lá rapidamente. -Duncan considerou.

— Você terá o avião abastecido e na pista dentro de uma hora. -Rune concluiu.

— Obrigado, eu aprecio isso.

— Eu gostaria que Seremela se sentisse confortável o suficiente para pedir-nos ela mesma.

— Emprestar um avião é um favor bem grande a pedir, Rune. Ela é nova em Miami, e ainda está abrindo o seu caminho. Inferno, todos nós estamos. É que alguns de nós já nos conhecemos mais do que outros. Dê-lhe tempo.

— Bom ponto. Deixe-nos saber se há mais alguma coisa que podemos fazer.

— Eu direi. -Duncan terminou a chamada.

Estava franzindo a testa quando chegou à sua casa de quinze mil metros quadrados. Prepararia duas sacolas. Uma delas seria cheia de armas, dinheiro, alguns produtos de higiene e maneiras de manter-se protegido do sol. Essa seria a sacola essencial.

A outra seria cheia de luxos como roupas extras, junto com um notebook criptografado no caso de encontrar tempo para fazer algum trabalho. Também definitivamente embalou um telefone via satélite, mas infelizmente sabia que a magia em torno do Portão do Diabo interferia com a recepção de celulares, eles teriam que planejar serem autossuficientes.

Eles teriam que se dirigir ao Portão do Diabo de Reno, o que significava que precisavam alugar um SUV. Ele fez mais chamadas para providenciar o aluguel, incluindo equipamentos de acampamento, comida e água para Seremela, e vários estojos de sangue. Ele tentou alugar um trailer, mas não havia nenhum disponível no perímetro de quinhentas milhas do Portão do Diabo.

Se recuperar a sobrinha de Seremela demorasse mais do que alguns dias, e se alguma coisa acontecesse como seu estoque de sangue, ele teria que caçar para seu sustento. Esperava que fosse capaz de encontrar e pagar por doadores voluntários. Senão, ele faria o que tinha que fazer. Pensou no delicioso rubor saudável, que subiu no rosto de Seremela, e sim para sua surpresa, o seu pau endureceu em resposta. Ele era um homem inteligente, educado e maduro que acreditava na lei, no autocontrole, e na regulação de suas emoções. Não misturava seus apetites ou confundia fome para sustento com o desejo sexual. Ele não seria tão imprudente, com seus doadores ou com suas amantes. Nem mesmo quando uma caótica harpia sexy lhe ofereceu a chance de provar seu sangue raro em troca de sexo, ele não tinha dado atenção.

Mas ele também sabia que havia lugares e épocas em que a lei não alcançava e o Portão do Diabo era um desses lugares em qualquer época. Aparentemente também havia vezes quando o apetite de um homem tornava-se misturado, não importando quanto autocontrole ele pudesse tentar exercer sobre si mesmo. Fazia algum tempo que Duncan tinha feito isso, mas sabia como navegar através da

ilegalidade. Na verdade, estava olhando para frente de novo, e enquanto não ajudasse Seremela por causa da decência, não importa o que, certamente, não doeu no menor que ela era muito bonita, e ele foi intensamente atraído por ela.

Sem dúvida, ela estaria muito grata por tudo que ele iria fazer. Ela poderia até mesmo oferecer-se para alimentá-lo, ela mesma.

Se ela fizesse, apesar de todos os seus princípios cuidadosamente pensados, tomaria o que oferecesse. Inferno, ele iria aproveitar a chance. Seu pau cresceu ainda mais enquanto pensava nela nua, pescoço esguio arqueando-se em convite. Pensou em afundar os dentes em sua suave pele, enquanto os seios enchiam suas mãos, e sua ereção crescia tão apertado que se tornava doloroso.

Oh, Duncan, ele pensou. Você tinha que pensar em sexo, não é? Rune brincou provocante, mas ele percebeu rapidamente a sua intenção. Você é de fato um cão sujo.

Capítulo Três

A Dança

ENQUANTO SEREMELA HESITAVA SOBRE O QUE LEVAR, O SEU IPHONE SILVOU. CORREU PARA A SALA PARA ATENDER.

Era uma mensagem de texto de Duncan. *“Tudo está definido. Temos transporte para Reno, também um SUV com suprimentos. Irei buscá-la ao meio-dia.”*

Um peso invisível saiu dos seus ombros. Ela era inteligente e capaz. Poderia ter organizado o transporte. Conseguiria recuperar Vetta sozinha. Mas o fato de que não precisasse, não anulava o prazer indescritível que o apoio emocional que Duncan tão generosamente oferecia. Ele falava sério sobre cuidar, e amigavelmente.

O fato de que considerava o vampiro paralisantemente sexy, não pesava em seu pensamento em tudo. Estava focada na tarefa em si, que era garantir que sua sobrinha fosse pra casa em segurança, Vetta querendo ou não.

E Seremela estaria focada na tarefa, quando realmente importasse. Por enquanto, se sentia jovem, e sentir-se assim em quase quatrocentos anos de idade era raro. Seu pulso corria vertiginosamente como uma colegial.

Ela e Duncan teriam algumas horas a sós. Poderia observá-lo em segredo. Às vezes, ele sorria de forma autodepreciativa, ligeiramente torto. Ele falava com ela, combinando inteligência com o som da linda voz, de forma bastante sedutora. Provavelmente teriam dois ou três dias juntos. Parecia uma fortuna extravagante em tempo roubado.

Com cuidado, mandou uma mensagem de volta.
“Obrigada por tudo.”

A resposta foi imediata. *“O prazer é meu. Até logo.”*

Seremela verificou os e-mails e encontrou a resposta de Carling, que deve ter enviado ainda quando Duncan estava no apartamento. Ela afirmava que Seremela poderia ter o tempo livre que precisasse, e deveria dizer para ela e Rune se houvesse alguma coisa que pudessem fazer para ajudar.

Seremela teve de sorrir. Ela não duvidou por um minuto que Carling sabia muito bem o que estava fazendo, quando compartilhou a sua mensagem com Duncan. Carling já forneceu mais ajuda do que Seremela poderia ter esperado.

O clima mudou drasticamente ao longo da próxima hora, redemoinhos no céu azul ensolarado quebraram através das nuvens escuras ameaçadoras. Eles teriam que tomar cuidado na rota para o aeroporto. Seremela terminou as malas com tempo de sobra, tomou banho e vestiu para a viagem, jeans e uma blusa sem mangas de algodão amarelo de botão.

Sentia-se calma e otimista no momento em que Duncan bateu em sua porta novamente e, em seguida, claro, tudo isso foi para o inferno. Suas cobras derramaram-se em um redemoinho desordenado ao redor dos ombros dela. Se fossem cães, não duvidava de que estariam latindo e precisariam ser seguradas pela coleira.

Tempo para decidir. Não estava disposta a passar os próximos dias mantendo os pirralhos constantemente cobertos sob o extremo calor do deserto, ainda que totalmente merecido. Endireitou os ombros, caminhou até a porta e a abriu.

— Olá, Seremela. Você já está pronta para...?

Ela pegou um vislumbre de Duncan, que também vestia uma roupa muito semelhante a sua, jeans e uma

camiseta cinza que moldava a seu torso magro e o bíceps musculoso. Anteriormente Seremela sempre o viu como o epítome da elegância masculina. Era chocante, de alguma forma, vê-lo tão casualmente vestido.

Ou pelo menos ela pensou que era, pois não conseguiu um olhar bom o suficiente para ter certeza. As cobras obscureceram sua visão quando se juntaram ao redor de seus ombros e cabeça, jogando-se em direção a Duncan de qualquer maneira que pudessem. A força da reação delas a surpreendeu e fragilizou seu equilíbrio. Ela tropeçou um passo para frente, o que era tudo o que as cobras queriam.

Duncan começou a rir enquanto suas cobras enrolavam em seu pescoço e braços. Ele a segurou nos cotovelos quando ela tropeçou, e eles ficaram olhando um para o outro, entrelaçados. Algo elétrico passou em seus olhos. Ela não sabia o que era, mas a força dele a afetava muito. Sua pele brilhou com calor.

— Sinto muito. -ela murmurou. — Bem, você sabe que elas gostam de você.

— Não se desculpe. -Duncan falou suavemente e tocou o rosto dela com a ponta dos dedos. — Como já disse, eu as aprecio.

Outras pessoas poderiam ficar emocionadas com o incidente e sentir uma paixão desenfreada. Mas para Seremela, a coisa mais letal do mundo era exatamente esse tipo de gentileza, esse tipo de momento. Eles estavam próximos o suficiente um do outro para que ela pudesse ver como os olhos escuros haviam dilatado, uma mudança bastante sutil na cor que, se não estivesse pertinho, não teria notado. Ele a olhava fixamente, com o rosto aguçado com a mesma eletrizante expressão que sempre perfurava seu olhar, mas ele a tocava suavemente, como flocos de neve caindo para descansar em sua pele sensível.

Ela era intensamente consciente de cada um dos quatro pequenos pontos de contatos, ainda mais porque ela mal conseguia senti-los, e ele a segurava tão firme, tão firme, quanto olhava profundamente em seus olhos. O toque inocente era quase inacreditavelmente erótico. O leve contato constante dizia coisas, e o fato de que continuava parado significava que ele claramente queria que ela ouvisse.

Ele disse silenciosamente que sua requintada gentileza não era um acidente. Que era intimamente consciente da colocação e posição do seu corpo para alcançar tal delicado toque de borboleta. Ele a tocou porque queria tocá-la, e sabia ser suave e comedido, era confiante e não se intimidava com escrutínio, e poderia manter-se firme quando precisasse.

E sabia muito bem que ela era inteligente o suficiente para entender todas as nuances da mensagem implícita.

A respiração dela tornou-se irregular. Os lábios tremeram enquanto as cobras se mantinham agarradas a ele, que sorria. E tudo o que ele fez foi tocar sua bochecha.

— Está pronta para irmos? -disse ele calmamente, a fabulosa voz penetrou em seus sentidos.

E foi isso, cara, ela quase chegou lá em sua calcinha. O fato de que não gozou na frente dele, era um milagre. Ela deveria estar feliz com isso, pois esperava manter alguma aparência de dignidade....

Olhou de soslaio para suas cobras enroladas ao seu redor dele. Uma delas se envolveu ao redor dos bíceps e agora ele a olhava de cabeça para baixo, por baixo do braço.

Pois bem, ela poderia não ser capaz de manter a dignidade exatamente.

DEIXEM-O IR! Ela ordenou. Era como uma voz mental severa, que nunca gritou para elas.

Seremela deve tê-las assustado, porque soltaram e escorregaram para trás sobre os seus ombros. Grata,

respirou fundo e deu um passo para trás. Disse em voz alta, com voz um pouco rouca:

— Sim, estou pronta.

Ele inclinou a escura cabeça elegante com um sorriso, entrou e pegou as malas, enquanto ela olhava ao redor do apartamento uma última vez, verificou se tinha o Iphone, fechou e trancou a porta ao sair.

Internamente estava procurando rapidamente no seu álbum de recordações, qual era o tipo dessa emoção. Qual o rótulo esse sentimento? Ela rugiu através do constrangimento de alguns minutos atrás, então não, não era isso. Enquanto desciam no elevador até a garagem em silêncio, ela finalmente teve que admitir, não sabia o que estava sentindo. Nunca sentiu isso antes, por isso não estava no seu álbum.

Ela sabia que a emoção provocou uma grande quantidade de choque e espanto.

Porque tudo o que ele fez foi tocar sua bochecha.

E agora tudo o que podia fazer era esperar, o que mais ele poderia dizer em sua silenciosa e sensual linguagem?

Que poemas poderiam os dedos dele sussurrar enquanto dançavam em sua pele? Que prosa eloquente ele poderia compartilhar com seu corpo?

Seremela havia assumido que estava indo para o Aeroporto Internacional de Miami e ficou surpresa quando Duncan se dirigiu para o Kendall-Tamiami Executive Airport, vinte quilômetros a sudoeste do centro de Miami. Quebrando o silêncio pela primeira vez desde que haviam deixado o apartamento, ela disse:

— u não sabia que havia algum voo comercial nesse aeroporto.

— Não há, este aeroporto lida apenas com voos corporativos. -ele deu um breve sorriso. — Nós não vamos pegar um voo comercial. Estaremos usando o jato da agência.

— Oh, entendi.

A possibilidade jamais cruzou sua mente, e ela estava francamente cambaleando. Rune e Carling já lhe deram muito. Carling lhe deu um esboço em papiro de um desenho que ela fez no antigo Egito, de uma antepassada, metade serpente, metade mulher humana que, de acordo com a lenda, era a criadora da raça das medusas. Enquanto o valor do esboço não importava para Carling, o fato é que ainda valeria uma pequena fortuna para um museu, se Seremela escolhesse vendê-lo. Em seguida, o novo trabalho, que pagava um salário extremamente generoso, deram também, um pacote com grandes benefícios, e até pagaram despesas de deslocação. Agora concederam um tempo de folga não especificado, e emprestaram o avião da agência.

Quando voltassem, teria que agradecê-los corretamente em pessoa. O mínimo que poderia fazer era convidá-los mais para a ceia. Carling desfrutaria de uma excelente garrafa de vinho, e Rune certamente tinha um apetite suficiente de vários homens normais combinados.

Seu olhar deslizou para o lado em Duncan. Talvez Duncan quisesse se juntar a eles. Ela sorriu, sentindo-se aquecer com o pensamento.

Eles estacionaram e Seremela olhou para o céu novamente enquanto saíam do carro. Para o norte, o céu estava quase que totalmente azul. Via os raios de sol que derramavam sobre a borda de nuvens escuras, como feixes de laser. Seu estômago se apertou com a visão, e virou-se para Duncan ansiosamente.

Ele olhou para o céu e deu um sorriso calmo.

— Está tudo bem. Temos alguns poucos minutos. Há tempo suficiente para embarcar.

— Se você diz. -ela pegou uma mala, então ele pegou as outras, fechou o carro e caminhou em direção ao prédio. Uma vez que chegaram lá dentro, ela foi capaz de respirar fundo novamente, mas, a fim de embarcar no jato, eles teriam que voltar para fora novamente.

Duncan manteve a calma o tempo todo, e nunca tirou a capa, mas subiu a rampa da escada para o avião em um galope, assim que o sol derramou sobre a fronteira noroeste da pista do aeroporto.

— Bons deuses. -ela murmurou quando ele desapareceu dentro do avião. Olhou para as janelas do avião, observando que estavam todas fechadas. A vida dele era assim, uma dança interminável para evitar o sol. Sentindo-se um pouco abatida, ela seguiu em um ritmo mais lento para a rampa.

O piloto e o copiloto já estavam a bordo do avião, e eles cumprimentaram Duncan e Seremela alegremente enquanto pegavam a bagagem para guardar. Duncan tirou da sua bagagem um notebook e uma pasta.

— Espero que você não se importe se eu focar no trabalho por um tempo. -sorriu para Seremela.

— Claro que não. Este não é um período de férias. Teria trazido trabalho também, se eu pudesse me concentrar o suficiente para fazer qualquer coisa. Bem, isso e por que metade do meu trabalho envolve o crescimento de coisas desagradáveis em placas de petri.

— Obrigado por não trazer o seu trabalho com você. -ele riu.

— De nada. -sorriu de volta.

O avião tinha um sofá, e após a decolagem, quando Duncan foi trabalhar em uma cabine, Seremela cedeu a tentação, e se estendeu para descansar. A noite de insônia pedia seu preço. O copiloto trouxe um travesseiro e um

cobertor, e ela se deitou de lado, as cobras derramando por seu corpo e se enrolando na cavidade natural produzida pelo recuo de sua cintura.

Ela cochilou, despertando um pouco cada vez que ouvia a voz de Duncan. Ele estava organizando a agenda para os próximos dias devido ao tempo fora do escritório, mas ela despertou para vigília com um pulso de alarme.

Ela despertou sem se mexer, e sabia que todas as suas cobras estavam acordadas e enroladas em prontidão também. O motor do avião estava forte e sem problemas, e tudo parecia normal. O que foi que a acordou?

Em seguida, ela ouviu novamente, Duncan falando com uma voz tão fria e afiada que espetou através do silêncio na cabine, como um estilete.

—... o fato é, Julian, a casa de Carling fica em uma ilha em outro país. Além disso, você não pode acessar a passagem para a ilha. Você acha que ela escolheu isso por acaso? Não fica no território Nightkind, por isso não está sob o seu domínio legal. Temos sido pacientes, por um ano já.

Uau, ele estava realmente irritado com esse cara Julian. Então a realidade chacoalhou através dela. Duncan não estava falando apenas com qualquer Julian, mas com Julian Regillus, o rei do Nightkind e criação de Carling.

Duncan fez uma pausa, claramente ouvindo o que estava sendo dito na outra extremidade da linha.

— Isso é inaceitável. -ele disse friamente. — A biblioteca mágica de Carling é muito perigosa. Ela não confia em mais ninguém para movê-la. Ela precisa ir até lá, e você não pode continuar bloqueando o seu acesso à sua propriedade. -outra pausa.— É tarde demais para isso. Ela esperou muito. Nós já entramos com uma petição no Tribunal Elder. É apenas uma questão de tempo até que o Tribunal aprove.

Em seguida, outro silêncio que se estendeu, até que ela percebeu que Duncan não havia parado para ouvir, mas a ligação havia terminado sem despedidas. Cautelosamente, ela espiou ao redor da borda do sofá.

Raiva gravada nas linhas de expressão de Duncan, transformando-o em um estranho. Os olhos escuros brilhavam, faróis negros no rosto pálido. O suave homem urbano que ela conhecia e gostava estava bem longe de ser visto, o que foi deixado em seu lugar era algo totalmente perigoso.

Então ele a viu olhando em torno do braço do sofá, e a dureza em sua expressão desapareceu.

— Eu sinto muito. Ouvi um pouco disso. -ela disse.

Ele balançou a cabeça e suspirou, passando as mãos nos cabelos, até que de verdade, parecia despenteado. Ela franziu a testa. Talvez isso não devesse parecer tão adorável para ela, especialmente depois do que viu em sua expressão.

— Não, eu é que deveria estar pedindo desculpas a você. Eu a acordei, não foi?

Ela não se incomodou em negar, mas apenas olhou-o com firmeza.

— Assim que percebi que você estava falando, eu deveria ter feito alguma coisa para deixá-lo saber que estava acordada, como ido ao banheiro.

Mesmo que ele não precisasse respirar, a sua humanidade não acabou, ela viu quando ele soltou um suspiro.

— Você certamente não deveria ter feito isso. Eu não sabia que seria transferido para o próprio Julian, ou nunca teria ligado. Então, naquele momento o telefonema deu um mergulho direto para a merda.

— Bem, já que o estrago está feito. -Seremela se sentou.
— Se você não se importa comigo perguntando, por que Julian não quer que Carling tenha acesso à ilha? Será que é porque ele não quer que ela tenha a sua biblioteca?

— Eu não penso assim. A retirada de qualquer objeto é proibida como qualquer outra coisa. Como em Other Land, é ilegal para qualquer pessoa a partir da Terra pegar alguma coisa da ilha para fins comerciais, e Carling apresentou evidências de que uma inteligente espécie nativa dê sequoias. E Julian não dá a mínima importância para a biblioteca de Carling. Na verdade, ele insiste que Carling envie bruxas bibliotecárias para empacotar tudo e transportá-la. Por outro lado, Carling insiste que tem direitos legais, quer ter livre acesso a sua própria casa e administrar o transporte da biblioteca pessoalmente.

— Mas ele não queria deixá-la fazer isso. -ela apontou.

— Não, ele não quer. Agora que ele tem o lugar dela e a exilou, ele não quer permitir que Carling vá a qualquer lugar perto da fronteira do seu território, especialmente no corredor de passagem para a ilha, onde seria tão fácil para ela deslizar silenciosamente para o território Nightkind. Ele certamente não quer reconhecer que ela tem o direito de ir e vir como quiser.

Ela dobrou o cobertor, e ele deslizou para fora da mesa onde seu trabalho estava espalhado e caminhou até sentar-se ao lado dela no sofá. Três de suas cobras escorregaram em seu ombro para olhar para ele.

Ele sorriu e estendeu a mão para elas. Elas torceram em torno de seu antebraço quando ela confessou:

— Eu sempre me perguntei como ela se sentia sobre o seu afastamento. -Seremela refletiu.

— Para ser brutalmente justo, posso ver os dois lados. Julian cometeu alguns erros e confiou na pessoa errada, e no ano passado Carling realmente esteve perigosa para estar por

perto. Eu acho que eles poderiam realmente passar por isso tudo, se Julian estivesse disposto a submeter-se ao domínio de Carling novamente. Mas também acho que algo dentro dele quebrou e ele não pode fazer isso de novo. E eu tenho que tomar o lado de Carling em tudo isso.

A conversa escorregou diretamente para o território vampiro, e Seremela franziu a testa, insegura sobre como ela se sentia confortável com o assunto. Olhou para as mãos, quando disse cuidadosamente.

— O vínculo entre um criador de vampiro e sua progênie é algo difícil de entender para quem está de fora. Acho que você deve tomar o lado de Carling, não deve?

— Você quer dizer, se Carling me pediu para apoiá-la? - perguntou Duncan. Ele sorriu para ela, todos os vestígios do estranho perigoso, foi embora. — Não, ela não pediu. Ela não faria isso. Eu sempre tomo o lado de Carling, porque a amo, e concordo com sua posição mais do que concordo com a de Julian. Mas isso não significa que eu não posso ver o lado de Julian também.

Sua capacidade de ver todas as perspectivas de uma situação seria uma das coisas que fez dele um advogado excepcional. Ela teve que sorrir. Poderia fazer-lhe um excelente amigo também. Ou inimigo. Era mais uma coisa que gostava muito nele. A calma, a inteligência incisiva tinha seu próprio tipo de mordida.

Ele ainda estava falando.

— E também há uma grande diferença entre mim e Julian.

— Que diferença é essa? - perguntou cada vez mais fascinada, apesar do seu desconforto inicial.

Um arrepio percorreu suas terminações nervosas quando Duncan tomou uma de suas mãos e brincou com seus dedos.

— Milhares de anos. -ele disse. — Você vê, eu aceito a regra de Carling sobre mim. Ela me fez, e eu sou jovem o suficiente para lembrar de como me sentia quando concordei com isso. Sim, ela tem o poder de me dobrar à sua vontade, mas, nos últimos cento e setenta anos, ela quase nunca o fez, e nunca fez sem ter uma razão para isso. Mas Julian foi transformado no auge do Império Romano. Ele, Carling, e Rune os três são diferentes demais de nós.

— Nós. -repetiu, surpresa. — Como você e eu?

— Sim, como você e eu. -ele afirmou.

Ela sorriu para ele, divertida.

— Você percebe que sou provavelmente perto de uns duzentos anos, mais velha do que você?

— Eu tinha trinta anos, quando fui transformado, por isso, se você estiver com mais de trezentos e cinquenta, então sim, você é. -ele sorriu. — Mas a diferença de idade entre nós é uma gota no balde quando você olha para os milênios. Eles são todos muito mais velhos do que nós. Acho que os faz fundamentalmente diferentes de alguma forma. E Julian é muito dominante. Carling nunca transformou alguém contra a sua vontade, então ele deve ter sido humilde uma vez, há muito, muito tempo atrás, concordando com a dominação dela. Mas eu acho que ele subjugado por um tempo muito longo. Imagine o que deve ter sido para ele, quando pareceu que ela estava morrendo.

Ela franziu a testa.

— Suponho que, mesmo se ele se importasse com ela, em alguns aspectos, deve ter se sentido aliviado.

—É assim que vejo. -concordou Duncan. — Por muitos anos eles trabalharam bem em parceria. Eles conheciam todos os pontos fortes um do outro muito bem. Mas ela não morreu quando deveria, e ele não foi libertado. Agora, ele não pode suportar a ideia de estar sob seu poder novamente.

Mesmo se eles nunca se virem pessoalmente de novo, ela ainda poderia impor a sua vontade, ele é criação dela, afinal. Eu não acho que Julian odiou Carling antes. Mas acho que talvez ele tenha aprendido a odiá-la agora.

— Pela maneira como você descreve, parece que eles estão no meio de uma espécie de duelo.

— Essa é uma boa maneira de descrever. -Duncan pensou. — E esse duelo pode levar séculos para acabar.

Ela estremeceu e fechou os dedos em torno dele.

— Perturba-me pensar sobre você possivelmente, ser pego no meio de... -do que poderia chamar? Desacordo, parecia muito simples. — Choque de vontades.

— Oh, bem. -disse ironicamente. —Toda família tem seus altos e baixos.

Seremela entrou em choque encantada.

— Você acabou de citar Katherine Hepburn no papel de Eleanor da Aquitânia em O Leão no Inverno, ou foi um acidente?

Ele sorriu em seu olhar.

— E se eu fiz?

Sob a força de passagem plena de tal contato próximo, sua respiração ficou restrita.

— Eu adorei esse filme.

— Eu também. Tinha um monte de razões para citá-lo durante os últimos anos. -deu um beijo na palma da mão dela. —Falando em família, acho que estamos perto de aterrissar. Assim que o SUV equipado chegar, devemos levar cerca de uma hora para chegar ao Portão do Diabo. Então, podemos pegar a sua sobrinha e levá-la para casa.

— Você faz isso parecer tão fácil.

— Depois de Carling e Julian? Pode apostar que sim, isso é fácil. -disse Duncan.

Seremela balançou a cabeça para ele e deu-lhe um sorriso piedoso.

— Você diz isso só porque ainda não conheceu Vetta.

Capítulo Quatro

Morte

QUANDO O AVIÃO ATERRISSOU NO AEROPORTO DE RENO-TAHOE DESEMBARCARAM, e foram até para a agência que Duncan reservou o SUV, assinaram pelo veículo e, em seguida, inspecionaram a comida, água e o material de acampamento para certificarem que tinham tudo o que precisavam, a maioria da luz do dia havia escapado. Duncan dirigia e uma vez que chegaram a US-395 S, o tráfego diminuiu e pegaram a estrada dentro do previsto.

Reno era como muitas cidades no deserto, onde havia grande fluxo de pessoas viajando. Quando pegou velocidade na estrada aberta, pediu a Seremela:

— Você se importaria se eu abaixasse as janelas?

— Nem um pouco. -disse, embora ele notasse que ela olhou para o céu ocidental.

O sol não estava completamente oculto, mas estava suficientemente baixo no horizonte, que, às vezes, era obscurecido pelas colinas no oeste. As cores do verão do deserto à noite eram grandes manchas de profundo bronzeado e dourado cortado com sombras pretas alongadas, e a partida do dia deixava banners de fogo rosa, lavanda e roxo espalhado pelo céu.

Duncan tocou os controles embutidos na porta do motorista, e as janelas baixaram vários centímetros. Nevada em junho passa dos quarenta graus no calor do dia, mas existe grande variação de temperatura entre o dia e a noite, o calor do dia rapidamente resfria à noite.

Depois de um momento, Duncan disse:

— Alguns vampiros são muito rígidos sobre evitar as horas do dia. Eles não saem do abrigo até que o sol tenha se posto completamente, e retornam bem antes do nascer do sol todas as manhãs. Isso acontece muito com os vampiros mais velhos. Alguns deles podem ficar agora fóbicos⁵ e quase nunca deixam os abrigos. Talvez como o tempo passa muito rápido, sentem mais fortes as chances de terem um acidente fatal iminente.

Ela se mexeu. Algumas de suas cobras tinham levantado para a janela aberta, línguas piscando para saborear o ar do deserto. Para sua diversão, algumas outras descansaram em seu ombro direito.

— Eu acho que posso entender. A luz solar é letal para vocês.

Ele acenou com a cabeça.

— Vivemos lado a lado com a morte. Está sempre presente, apenas algumas horas antes ou atrás de nós, ao virar da esquina, ou poucos passos para fora do abrigo de um telhado. Mas quando Carling me transformou, eu disse a mim mesmo que não iria me tornar como os outros vampiros. Eu tomaria precauções sensatas, mas nunca viveria com medo.

—Que tipo de cuidados você toma?

— Bem, uma coisa boa, é que tenho uma grande casa. Se eu tenho que ficar abrigado do sol, recuso-me a permanecer em um local apertado. Todas as janelas têm persianas de metal que operam eletronicamente. Elas fecham do nascer ao pôr do sol automaticamente. -o sistema tem um código de acionamento manual para abri-las a qualquer momento durante o dia. Ninguém seria louco para lançar luz solar na casa de Duncan sem a sua autorização expressa.

⁵ Temor angustiante em perder o controle em lugares públicos. Manifestam ansiedade e medo de sair de casa.

— Eu ouvi sobre essas persianas. Carling e Rune não tem o mesmo tipo de equipamento na nova casa também?

— Sim. -ele lançou um olhar para ela. — E não posso dizer como foi emocionante quando o protetor solar tornou-se disponível. Eu me lambuzava todo, passava até mesmo no cabelo todo. Por um tempo pareci um poderoso chefe da máfia dos anos quarenta.

— Então, ele realmente ajuda? -ela riu e relaxou.

— Sim. Protege contra algum acidental contato direto com a luz solar, e pode dar ao vampiro até dez minutos de margem de manobra para encontrar abrigo. Têm limitações, nenhum vampiro no seu perfeito juízo confiaria totalmente a sua vida a um protetor solar a prova d'água e nadaria durante o dia. Mas é especialmente eficaz ao amanhecer e anoitecer, como agora, quando qualquer luz solar é indireta e desaparece rapidamente. E sempre o uso que saio durante o dia.

—É bom saber. -disse ela. — Suponho que você use roupas protetoras também.

—É claro. Todas as minhas roupas são feitas com FPU⁶ cinquenta, que é capaz de bloquear até noventa e oito por cento dos raios UV. Só a roupa não é suficiente, mas é bastante confiável, -acrescentou. — E sempre que tenho que sair durante o dia, uso uma capa também feita de tecido com protetor solar.

Quando deu a informação, observou que a curiosidade científica natural dela, havia assumido e o nervosismo diminuiu. Agora, o silêncio que caiu entre eles era pensativo e sociável, e sorriu para si mesmo.

Teria que ser um mentiroso ou cego para afirmar que não era afetado por sua beleza, porque ele era, mas o que

⁶ Fator de Proteção Ultravioleta.

realmente estimulou seu interesse foi a mente rápida. Era um maldito prazer seduzir uma mulher inteligente.

Porque isso era o que ele iria fazer. Seduzi-la. Sim, este cão indo à caça era sujo e desonesto. Iria convencê-la a compartilhar seus segredos de calor e paixão à luz de velas, acariciando sua insanamente linda pele. Apenas o pensamento fez as presas descenderem, o chicote do ar da noite ficou expectante, e sua virilha apertou dolorosamente.

Seus impulsos e sentimentos ficavam em polvorosa toda vez que pensava nela ou deixava a sua imaginação correr desencadeada. Queria compartimentar seus apetites.

Talvez ele fosse mordê-la.

Talvez ela fosse mordê-lo.

Ele manteve a boca fechada e a mandíbula apertada, e estava selvagememente feliz com a profunda sombra no carro, e que de alguma forma conseguiu manter o veículo estável na estrada.

Talvez ela fosse mordê-lo todo.

Maldição.

Apesar do fato de que eles haviam deixado a cidade para trás e estavam em pleno deserto, o tráfego aumentou novamente quando foram para State Road 342. Logo, um brilho de luz como uma cúpula se destacou contra a escuridão do céu noturno, e Duncan sabia que estavam chegando perto. Eles seguiu o fluxo de veículos por uma estrada de duas pistas, até que se depararam com duas paredes de rocha escura que subiam em ambos os lados da estrada.

— Isso não existe! -Seremela sussurrou.

Um arrepio indescritível de terra mágica escovou seus sentidos, junto com um sentimento de outra magia queimavam faíscas na distância.

Os faróis piscaram em uma placa antiga. Duncan teve um vislumbre do texto, mas era demasiado pequeno e denso para ser lido. Vários metros após a placa, uma grande ripa sinalizada havia sido erguida. Escrito em laranja neon com tinta spray, as palavras pularam do bordo.

No sinal se lia:

Portão do Diabo

População de Sugadores de sangue: 28. 993,69345

Passado: 100.000

Quem diabos sabe explicar?

Ele olhou para Seremela que olhou para ele, com os olhos arregalados. Então ambos explodiram rindo. Seremela disse:

— Mesmo que a cidade de tenda esteja estranhamente inchada, medusas são raras o suficiente para que ela não seja difícil de encontrar. As pessoas tendem a tomar conhecimento quando estamos por perto.

—Tenho certeza que sim. -Duncan cedendo ao impulso, arrastou os dedos por seu quente antebraço fino e apertou a mão dela. Ela prendeu a respiração, um som minúsculo, mas audível, e com a afiada audição de vampiro, ouviu facilmente.

Ela não se afastou. Em vez disso, ela virou a mão e segurou a sua, palma com palma. Ele passou o polegar ao longo da pele lisa da mão e se perguntou como ela conseguia sentar lá tão calmamente, porque bons deuses, ele estava em chamas por todo lado, e ela parecia completamente inconsciente do fato. Ele sabia que tinha uma cara boa no tribunal, mas não sabia se era bom o suficiente para ela não notar.

Ele dirigia com uma mão, tranquilamente em uma linha que se arrastou em direção à cidade de tendas com dez

quilômetros por hora. Alguns caminhões davam sinal e afastavam para o meio fio, mas sem conhecer o terreno, julgou que seria melhor seguir o fluxo principal de veículos por agora.

Estavam sendo parados lá na frente por um troll que, em seguida, dirigiu-os para à direita, onde estacionaram em uma linha. Quando chegou a sua vez, Duncan lançou Seremela de mão e rolou a janela ainda mais para baixo.

O SUV rangeu quando o troll colocou a mão no teto e abaixou-se para olhar para dentro com olhos pequenos e uma expressão indiferente na cara cinzenta.

— Estacionamento na nossa área é de trezentos a noite. -o troll retumbou. — Somente em dinheiro.

As sobrancelhas de Duncan levantaram.

—É muito. -se esse pedaço de terra pertencesse a alguém, seria de Pee-wee Herman⁷.

—Trezentos dólares! -exclamou Seremela, inclinando-se para frente. — Só uma noite?

O troll deu-lhe um olhar indiferente.

— Você quer livrar o seu carro de ser roubado? Você quer manter as suas coisas, e todos os seus pneus também? Isso vai custar trezentos dólares. Decidam. Se a senhora não gosta daqui, Vá ao parque ou outro lugar, e boa sorte com isso, porque vai precisar dela.

Por trezentos dólares por noite, Duncan poderia obter um quarto em um dos melhores hotéis em San Francisco, uma das cidades mais caras do mundo. Ele balançou a cabeça e se mexeu na cadeira para tirar a carteira.

“Duncan!” Seremela exclamou telepaticamente. *“Isso é um roubo.”*

⁷ Cômico personagem fictício criado e interpretado por Paul Reubens.

“Claro que é, o troll e sua organização, provavelmente, vandaliza e rouba de quem não usa o seu estacionamento. Mas se ele mantém intocados nossos suprimentos então poderemos fugir sem problemas, vai valer a pena.”

Ele tirou dinheiro da carteira e ofereceu ao troll. Os dedos maciços fechados mais um final de contas e puxou, mas Duncan manteve a eles até o troll olhar ele, exasperado. Ele disse baixinho:

— Se alguma coisa acontecer com o meu carro, eu o considerarei pessoalmente responsável. Não qualquer outra pessoa. A você, ostentador.

Talvez o troll finalmente tenha dado uma boa olhada no seu rosto e o reconheceu. Trolls são criaturas Nightkind também, e Duncan era, afinal, muito conhecido. Ou talvez algo na voz de Duncan chegou a ele. Fosse o que fosse, o troll mastigou a enorme mandíbula como se mastigasse algo azedo, e murmurou:

— Nadinha vai acontecer.

— Muito bom. -Duncan soltou o dinheiro e jogou duas notas de vinte dólares para fora de sua carteira. — Depois do parque, vamos precisar de informações confiáveis. Onde?

— Abaixo na rua Main, lado norte. -o troll disse. — Procure o farmacêutico. Seu nome é Wendell. Ele venderia fotos dos peitos de sua mãe pelo maior lance. Mas seriam realmente tetas da mãe dele. -quando Seremela olhou, o troll levantou os ombros rochosos. — O que posso dizer, o cara tem um código. Mais ou menos.

Duncan reprimiu um sorriso.

— Ele é o seu chefe?

— Sim. -o troll bateu no teto do SUV, endireitou-se e arrastou um passo para trás. — Agora vão embora daqui.

Duncan dirigiu o SUV suavemente na estrada de terra áspera para o fim de uma linha de veículos, onde um vampiro em um colete refletor laranja levantou-se, piscando uma lanterna.

— Eu trouxe dinheiro também. -Seremela avisou. — Vou pagar de volta.

— Não vamos nos preocupar com isso agora. Não tem importância. Vamos apenas focar em pegar sua sobrinha.

—Tudo bem. -ela ficou em silêncio por um momento, enquanto ele estacionava o SUV. Então sussurrou. —Wendell.

— O farmacêutico libidinoso. -disse Duncan, inexpressivo.

— Não é engraçado.

—É claro que não é. -ironizou.

Um suave, ruído estranho escapou. Soou muito como assobio de ar quente de uma chaleira. Ele olhou para o rosto formoso, encontrou-a olhando para ele, e então ambos explodiram de rir novamente.

Ele puxou o freio de mão e desligou o motor.

— Vamos ver o que Wendell tem a dizer de si mesmo.

— Ok. -Seremela disse, com os olhos dançando. — Mas se ele tentar me vender a imagem dos peitos da mãe dele, eu vou correr de lá.

Duncan voltou a rir.

— Confie em mim, eu estarei em seus calcanhares.

Ambos estavam sérios enquanto saíram do SUV. Duncan disse:

— O troll falou a verdade, mas devemos levar alguns itens com a gente para todo o caso. Este não é o tipo de lugar que podemos andar sem recursos.

Ela assentiu com a cabeça, a expressão sombria. Levava uma bolsa macia com uma correia de ombro, ela vasculhou o conteúdo e complementou com mais alguns itens de sua bagagem de mão. A última coisa que ela acrescentou foi uma garrafa de água. Então levantou a alça de ombro sobre a cabeça, puxou as cobras para fora do caminho e posicionou firmemente de lado.

A sacola de Duncan de necessidades, com as armas, dinheiro e proteção solar, era na verdade uma mochila de couro. Ele tirou uma Beretta nove milímetros e uma faca de caça de cinco polegadas. Pôs as alças nos ombros, afivelou a faca no cinto e enfiou a arma na cintura da calça, certificando-se de ficar bem visível.

O olhar de Seremela permaneceu em sua cintura quando se virou para ela, mas não disse nada sobre as armas. Ela não carregava uma arma, óbvio, mas ele percebeu que ela não escondeu as cobras novamente. Normalmente, amarrava folgadoamente um lenço simples na base do pescoço, como se fossem dreadlocks. Que permitia as cobras se movimentarem, mas limitava o leque de alcance. Sem qualquer limitação, Seremela parecia mais selvagem, mais feral e extremamente mortal com as cobras se movimentando.

Ele sinceramente aprovou.

—Tudo bem? —perguntou.

Ela assentiu com a cabeça novamente. Rosto calmo, olhos penetrantes. Deuses, essa mulher era mais quente do que o Vale da Morte em julho.

Ele não resistiu a tocá-la novamente. Segurou-lhe o rosto e passou o dedo polegar suavemente ao longo do arco macio de seus lábios. Sua expressão se suavizou, e o olhar que ela lhe deu estava cheio de partes iguais de ternura e admiração. Queria perguntar o que fez com que ficasse tão surpresa quando ele a tocou com carinho. Ele queria beijá-la devagar e saborear o primeiro gosto íntimo dela.

A fome vaiou ao longo de suas terminações nervosas e ficou agressiva. Sua boca tão carnuda, tenra e suave, sob a sua. Ele queria convencê-la a separar os lábios e entrar nela com a língua, e apenas o pensamento de aprofundar o beijo era tão sexual que apertou sua virilha.

Alguém gritou perto, estilhaçando o momento. Com o cenho franzido, ele olhou em volta para a poeira no estacionamento cheio, então ofereceu a mão a Seremela. Ela a pegou.

— Depois que tudo isso acabar e voltarmos para Miami. -perguntou. — Poderemos ter o nosso primeiro encontro?

Meia dúzia das cobras levantou-se para olhar para ele, e as pestanas fecharam os olhos de Seremela. Em seguida, abriram. Em seguida, fecharam. E abriram. Ela piscou rapidamente e parou.

— Primeiro encontro?

Ele se perguntou o que aquilo significava. Talvez ela tenha areia nos olhos.

— Será que você sairia comigo quando voltarmos? Eu gosto de ópera. Mas gosto de shows de rock também, e sou louco por um bom filme.

O sorriso encantador era realmente uma das expressões mais belas que já viu no rosto dele.

— Sim. -ela concordou. —Gosto de tudo isso também, mas gosto especialmente de ópera.

— Perfeito. -ele parecia satisfeito. — Isso vai nos dar algo para ansiarmos.

Sem dúvida, ele não tinha ideia do quanto isso era importante.

De mãos dadas, caminharam juntos até o Portão do Diabo.

Era tudo o que ele esperava, e mais, sujo, fedido, imprevisível e superlotado. A noite estava sem vento e a fumaça da fogueira pairava no ar, grossa com o cheiro de fumaça de cigarro, carne cozida e cebola.

A cena jogou-o em uma cascata de memórias. Lembrou-se de como se sentiu quando descobriu que o seu trabalho legal havia chamado a atenção de Carling. Ela ainda era Rainha do Nightkind então, e ela o cortejou com a paciência de um astuto político profissional e toda a sabedoria de uma cortesã experiente, até chegarem a um acordo sobre o negócio e sobre outras coisas.

A sua última refeição antes de Carling o transformar, foi um grande bife, com batatas fritas, torta de maçã e queijo cheddar, e uma cerveja Guinness.

Lembrou-se de cada detalhe como se fosse ontem. A carne havia sido succulenta, e poderia cortá-la com o garfo, e as batatas fritas salgadas com manteiga em um rico castanho dourado. A torta de maçã havia sido tanto azeda quanto doce, o cheiro do cheddar era o complemento perfeito, e caramba, o que foi aquela Guinness, como um romance satisfatório para o paladar, contando a sua encorpada e triste história em cada gole. Ele havia comido até que pensou que iria estourar.

Mesmo que ele ainda sonhasse com essa refeição, a coisa real iria remexer seu estômago agora, e enquanto o lugar trouxe de volta memórias vívidas, havia muitas diferenças também.

O brilho vermelho infernal das chamas estava intercalado com a fria iluminação fina das lanternas de LED do camping. Diferentes tipos de música colidiam, a maior parte estridente de altas caixas, mas o som de alguns instrumentos, uma guitarra, um violino e bateria, levantava a penetrante doçura surpreendente de paixão ao vivo.

Prostitutas pintadas, homens e mulheres, andavam pelas ruas entre as barracas, campistas e alguns edifícios de

escritórios móveis. Humanos, Elfos e LightFae, Demônios e Wyr, e, claro, o Nightkind estavam em vigor. Vampiros rondavam a área, sorrindo brancos, atraídos pela ilegalidade e à atração de muito sangue vivo embalado em um só espaço. Duncan a apoiou em silêncio com um olhar brilhante. Os vampiros viraram para olhar para o seu rosto duro e rapidamente se misturaram à multidão.

A cidade de tendas era um caldeirão com o gravador ligado alto. A qualquer momento esperava uma luta estourar, e não ficou desapontado. Eles tiveram que contornar duas brigas quando passaram para a rua principal, o maior caminho que ficava entre os campos.

Duncan não fingiu para si mesmo que ele era a única razão pela qual eles permaneciam sem serem molestados.

Pessoas olhavam Seremela, com seu jogo de expressão, o olhar agudo, as cobras levantadas, cautelosas, e deram a ambos um amplo espaço. Quando um bêbado tropeçou em seu caminho e a assustou, todas as cobras viraram e sussurraram para ele, assustando-o tanto que se mijou enquanto fugia.

Duncan murmurou para Seremela.

—The Gold Rush Califórnia era muito mais charmoso do que isso aqui. Tenho certeza de que era.

Ela olhou para ele com ironia.

— E tenho certeza que você tem terra do pântano na Flórida que gostaria de me vender.

Duncan sorriu e disse para um homem que os observava com um olhar cansado.

— Nós estamos procurando pela farmácia. Você sabe onde é?

O olhar do homem passou por cima dele e permaneceu em Seremela.

— Cinco ou seis quadras para baixo. -disse ele. —É um dos mais extravagantes. Difícil de perder.

— Obrigado.

—Gostaria de saber o que ele quer dizer com extravagante. -Seremela murmurou.

Eles descobriram a resposta para isso logo que encontraram um dos poucos edifícios do acampamento. Um simples sinal que dizia Wendell pendurado do lado de fora da porta. A pálida, luz fria das lâmpadas de LED brilhavam através da janela, e a porta estava mantida aberta pelo ar da noite. Wendell estava aberto para os negócios.

Normalmente Duncan sempre convidava uma senhora para passar primeiro pela porta, mas normal não era uma definição que se aplicaria a este lugar. Ele entrou primeiro e olhou em volta rapidamente, com uma mão na arma. No interior, o edifício estava cheio de prateleiras de metal, cheio de mercadoria, enlatados, tampões, pasta de dente, aspirina e outros remédios e material de primeiros socorros para outras fontes, mais potentes.

O nítido olhar de Duncan foi para as garrafas de Oxy Contin, Percocet e Demerol em um armário de vidro trancado atrás de um balcão. Ele não tinha nenhuma dúvida de que o preço elevado, e não uma prescrição, seria a chave que abriria aquela prateleira. Havia também uma prateleira com saquinhos cheios de maconha, alguns laminados e alguns soltos, e um par de prateleiras cheias com garrafas de tinturas castanho escuro, misturas homeopáticas que brilhavam com faíscas de magia.

Havia outras pessoas no ambiente. Alguns eram, obviamente, os consumidores que levaram um olhar a Duncan e Seremela e depois saíram pela porta aberta. Duncan acompanhou-os até o último ter ido, mas a parte principal de sua atenção estava voltada para as duas pessoas atrás do balcão.

Um deles era um homem alto, parecia LigtFae perigoso, o cabelo loiro encaracolado raspado perto do crânio, o que fazia as orelhas pontudas aparecerem ainda mais. Usava no ombro dois coldres de armas sobre a parte superior do tórax, que mostrava uma grande quantidade de pele ouro marrom. Ele observava Seremela com um olhar hostil, apoiando uma mão sobre uma das armas.

A mandíbula de Duncan apertou. Não gostava de ver isso. Voltou sua atenção para a outra pessoa atrás do balcão, um homem ligeiramente baixo, simples humano, com olhos penetrantes e experientes. O macho era facilmente a pessoa mais inteligente sobre o qual Duncan tinha colocado os olhos desde que chegaram.

— Você deve ser Wendell.

— Você é rápido. -disse Wendell. — Por isso tem uma placa pendurada fora da minha porta. -abriu um frustrado tablete de Nicorette⁸ e o colocou na boca, enquanto o olhar varria Duncan em um piscar de olhos. — Eu reconheço você. Sei quem você é. -virou-se e dissecou Seremela. — Você tem aqui apenas o tempo para execução, mas eu temo que a presença de um advogado, mesmo tão famoso quanto ele não fará bem algum.

Tudo dentro de Duncan ficou frio e calmo quando o outro homem mencionou a execução.

Seremela olhou fixamente o farmacêutico.

— Desculpe-me?

As sobrancelhas finas de Wendell franziram.

— Você está aqui por causa da leitora de Tarot, não é? A única de Offed Thruvial.

Seremela parecia ainda mais confusa e perturbada.

⁸ Goma de mascar contendo nicotina para quem quer parar de fumar.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Eh, meu erro. -Wendell disse, encolhendo os ombros.

— Pensei que desde que você é uma medusa, estivesse aqui atrás da outra medusa. Acho que eu sou tão culpado de discriminação racial como qualquer outra pessoa.

Duncan deu um passo para frente, e o musculoso LightFae o acompanhou também. Ele ignorou o outro homem e disse ao farmacêutico:

— Você sabe quantas medusas estão aqui no Portão do Diabo?

Wendell esfregou a parte de trás do pescoço.

— Além da sua companheira, só há uma que eu saiba, a leitora de Tarot. Jovem de talvez vinte anos, usa maquiagem gótica, e mora em uma caverna.

— Maquiagem gótica? Oh deuses, Duncan. -a pele cremosa de Seremela empalideceu. — Ele está falando sobre Vetta.

Foda-se. Foda-se.

— Sim, esse é o nome dela. -o olhar de Wendell ficou curioso, ele estava ávido. — Darei essa informação de forma gratuita, uma vez que é de conhecimento comum de qualquer maneira. Eles dizem que ela envenenou um homem há alguns dias atrás. Alguém que era muito importante aqui. Eles a enforcarão ao amanhecer.

Capítulo Cinco

As profundidades

PÂNICO E DESORIENTAÇÃO AFUNDARAM SUAS GARRAS EM SEREMELA E NÃO A DEIXARAM MAIS.

Vetta estava pra ser enforcada? Por envenenar alguém?

Ela não conseguia arrastar uma respiração profunda o suficiente e se esforçou para respirar enquanto olhava para o humano e seu guarda-costas LightFae.

O brutamontes olhava para ela, a expressão cínica se transformando em cautelosa. Ele deu alguns passos para trás e sacou a arma.

— Coloque a coleira em seu cão. -ordenou Duncan bruscamente. — Ele está prestes a ficar mais estúpido.

Que cão? Duncan se movimentou tão rápido que ela nem percebeu que foi empurrada contra uma parede. Seremela olhou fixamente para as costas dele. Que diabos ele estava fazendo?

Quando ele parou, ficou entre ela e o LightFae, e compreensão tardia bateu nela, ele estava protegendo-a com seu corpo.

No mesmo instante, o homem nerd retrucou:

—Guarde a arma, Dain.

Duncan virou o rosto para ela. Colocou os longos dedos sob o queixo dela, chamando a sua atenção.

— Não olhe para ele. -Duncan disse em voz baixa. — Olhe para mim.

Seremela tentou se concentrar nele. Foi quando percebeu que todas as suas cobras estavam assobiando para o LightFae. O pânico as transformou em letais. Conseguia senti-las impetuosas e querendo morder, e quando olhou por cima do ombro de Duncan, poderia dizer que o LightFae brutamontes sabia.

— Em mim, Seremela. -Duncan sussurrou suavemente.

Ela forçou sua atenção a focar nele. Duncan passou a mão acariciando junto a algumas das cobras, que saíram assobiando e se envolvendo em torno do antebraço dele. Mesmo estando de costas enfrentando um desconhecido com uma arma na mão, Duncan parecia calmo, o olhar escuro estável.

Quando teve a certeza da atenção dela, Duncan sorriu.

“Eles não vão enforcá-la. Nós não vamos deixar.” -disse telepaticamente.

Ela se acalmou. Eram apenas duas pessoas em um superlotado, perigoso e desconhecido lugar. Talvez fosse ridículo acreditar nele. Certamente não era nem sensato nem lógico, mas ela acreditou.

Impulsivamente, ela estendeu a mão para tocar o rosto delgado, mais das cobras o alcançou.

— Duncan, eu não sei do que ele está falando. -disse ela. — Vetta não é leitora de Tarot, ela pode ser irresponsável ou uma bagunça total, mas não é uma assassina. Isso é loucura. Se, por acaso, matou alguém, foi por não ter outra escolha.

— Precisamos fazer algumas perguntas. Seja o que for que ele disser, nós vamos fazer isso direito. Ok? -ele franziu a testa.

— Ok. -ela assentiu com a cabeça bruscamente.

Ele pegou a mão dela e beijou as pontas dos dedos, então, cuidadosamente se desengatou. Apenas então se virou para enfrentar o farmacêutico e seu segurança LightFae, que havia guardado a arma.

Todas as cobras se acalmaram quando ela se acalmou. Ela as reuniu e colocou os ombros pra trás, e disse a Duncan, agradavelmente:

— Vamos logo começar essa conversa? —Seremela indagou olhando para o farmacêutico.

Wendell considerou os dois com os olhos apertados.

—Tudo bem, mas vocês estão assustando os meus clientes pagantes, assim, são livres para sair agora. -disse ele mascando a goma. — Vocês querem saber de mais alguma coisa, então tem que pagar. Taxa Standard 411 é de dez dólares por minuto, e não inclui as taxas adicionais para o PremioIntel⁹.

Seremela nunca em sua vida quis ferir outra criatura, mas agora tinha certeza que poderia prejudicar esse humano insensível. Apenas uma mordida, ela pensou enquanto fixava um olhar frio naquele asqueroso. Tudo o que faria uma só mordida seria, o ritmo cardíaco atrasar, a pele se tornaria seca e descamada e sentiria medo, náuseas e malditamente miserável por uma semana. E ela estava gostando cada vez mais da ideia, muito, muito mesmo.

Com esse pensamento, uma única cobra deslizou por cima do ombro e subiu para o nível de sua bochecha. Ela também olhou para Wendell sem pestanejar, até que o ser humano mexeu-se em seu banco e desviou o olhar.

Ah, ela o assustou. Caralho, fodido, porra.

⁹ Refere-se à Feira Internacional de Ciência e Engenharia patrocinada pela Intel, empresa multinacional de tecnologia dos EUA, que fabrica circuitos integrados como microprocessadores e outros chips.

— Sua taxa é sem imaginação, mas praticável. -Duncan totalmente relaxado, deslizou as mãos nos bolsos das calças de brim.

A boca fina do ser humano se inclinou com azedume, e desgosto.

—Que porra você quer dizer com isso?

—Há coisas muito mais valiosas do que dinheiro, Wendell. -disse Duncan. — Como alianças, proteção e imunidade.

As sobrancelhas de Wendell enrugaram.

— Você acha que poderia me oferecer proteção ou imunidade? Você mal pôs os pés neste lugar. Você não tem a equidade social vampírica aqui. Não conhece a hierarquia dominante, e você não tem alianças. Você não sabe nada.

— O mundo é um lugar muito maior do que essa pequena pilha empoeirada de tendas. -Duncan deu ao ser humano um sorriso frio, e um toque de um chicote entrou em sua voz, precisamente tão equilibrada como um chicote delicado de desprezo. — Mas não se preocupe, Wendell. Se você quer dinheiro, você vai ganhar dinheiro. Diga-nos o que aconteceu, com detalhes, nomes e época.

Wendell fez uma pausa, diante de Duncan com partes iguais de ambição e cautela, e Seremela poderia dizer que ele estava repensando os últimos minutos. Em seguida, o farmacêutico disse:

— Pode não haver nenhuma lei aqui, mas há um equilíbrio de poder. Ou havia, até que um dos agentes do poder foi morto ontem. As coisas estão um pouco desestabilizadas no momento.

—Quem são os agentes do poder, e o que eles controlam? -perguntou Duncan. — Você é um deles?

— Não. -Wendell olhou para o relógio. — Minha motivação é o lucro, não o poder. Eu sou estritamente do estacionamento e dos produtos farmacêuticos, com uma pequena participação em informações. Os corretores de poder real no Portão do Diabo são do núcleo duro. Há uma elfa com afinidade pela Terra. Caerlovena é o nome dela. Ela tem autoridade sobre a maioria dos garimpeiros. Então há um Djinn, Malphas, que tem domínio sobre os cassinos, e eu quero dizer todos mesmos. E até ontem, havia Cieran Thruvial, que vendia proteção a prostitutas. Também exigia propina de todas as lojas e vendedores.

— Cieran Thruvial. -surpresa cintilou no olhar de Duncan. — Eu conheço esse nome.

Seremela balançou a cabeça. Interiormente estava se tentando se recuperar.

— Isso não pode estar certo. -ela estava chocada. — Não vejo Vetta se voltando para a prostituição. Pode até ser, mas não consigo acreditar.

— Bem, a menina lia Tarot, ou pelo menos é o que a placa na tenda dizia. -Wendell deu de ombros. — Cobrava por leitura de quinze minutos e meia hora. Ela fazia bons negócios, a partir do que ouvi. Não sei se trapaceava não, mas como um monte de outros comerciantes, ela devia dinheiro e proteção a Thruvial. Tinham um relacionamento tempestuoso e discutiam muito em público. Eu tenho que dizer, eles pareciam realmente íntimos.

— Onde ela está agora? -as palavras raspam a garganta seca de Seremela.

— Malphas está com ela até o amanhecer. -Wendell pela primeira vez desde que se conheceram, algo como simpatia penetrou em seu olhar. —Um cara assustador, esse Djinn. Eu não tenho certeza se ele se preocupa com alguma coisa.

—Thruvial é um nome Fae. -Duncan disse abruptamente. — Este Cieran Thruvial era DarkFae?

Desta vez, ambos, Wendell e o segurança mudaram a atenção para Duncan, as expressões cautelosas. Falando pela primeira vez, o LightFae disse:

— Sim.

— Você o conhecia? -Wendell perguntou.

— Eu o encontrei uma vez. -o rosto de Duncan ficou inexpressivo.

— Onde? -o farmacêutico parecia cobiçoso.

— Isso não faz parte do nosso acordo, Wendell. - Duncan deu um sorriso sardônico. — Onde podemos encontrar Malphas?

Wendell fez uma careta, mas disse:

— Ele anda por todo lugar, mas acho que seria mais acertado procurá-lo no Geena, que é o nome do seu principal cassino. Onde fica? Quer saber, não é?

—Quanto lhe devo? -algo muito perigoso passou pelo olhar de Duncan.

— Você não vai me perguntar como encontrar o cassino Geena aqui no Portão do Diabo? -perguntou Wendell.

— Não precisamos mais de você. -Duncan sacudiu a cabeça.

— Se eu fosse você, não seria tão rápido em dizer isso. - disse Wendell. — Com Thruvial morto, as coisas estão mudando. As pessoas estão guerreando pelo seu território, e algumas são usuárias de magias fortes. É bom saber em que estar atento, ou para onde ir. Você ainda não conhece nada.

— Agora você está tentando nos assustar. -Duncan tirou dinheiro do bolso e colocou sobre o balcão. — Demorou menos de quinze minutos, mas pode ficar com o troco. -ele se virou para Seremela, e sua expressão amoleceu. — Vamos lá.

Ela assentiu com a cabeça e deu um passo para fora da porta, e Duncan a seguiu.

— Vocês estão cometendo um erro se acham que não precisam de mim. -Wendell falou atrás deles.

Duncan sacudiu a cabeça. Uma vez que estavam fora, ofereceu a mão a Seremela. Ela pegou. O aperto era como o resto do corpo dele, firme, calmo e tranquilo. Apertou a mão com força e respirou fundo. O ar perfumado da noite parecia muito mais fresco agora, do que antes de entrarem na loja de Wendell.

— Ele é um pequeno verme desprezível, um bug¹⁰. -ela disse entre os dentes.

— Eu sei. Eu queria esmagá-lo.

Duncan a puxou para encará-lo, segurando-a pelos cotovelos enquanto observava a multidão atrás dela. Depois de uma rápida olhada em seu rosto, ela fez o mesmo, observando o que acontecia às costas dele. Indiretamente a luz vermelha de várias fogueiras tingia a todos. Perto alguém riu, um som agudo abruptamente cortado. Havia magia no ar, misturando-se com os cheiros de uísque derramado e outros odores azedos.

“Você iria embora se eu pedisse?” -perguntou ele telepaticamente.

Ela olhou para o rosto sombreado. Ele parecia tão casual e indiferente como se estivessem falando sobre o tempo. Poderia escolher algumas respostas, mas somente uma era apropriada.

No final, simplesmente disse:

— Não.

¹⁰ Defeito inexplicável, mau funcionamento.

Ele não pareceu surpreso. Balançou a cabeça e esfregou os polegares ao longo da pele sensível no interior de seus cotovelos, mas ela não achava que ele estava ciente do que estava fazendo.

— A única coisa que me incomoda é o Djinn. -ele franziu a testa. — Bem, há mais algumas coisas que me incomodam.

—Quem foi Thruvial? -ela perguntou.

— Você se lembra que viajei no ano passado com a Carling para coroação de Niniane Lorelle em Adriyel? -ele encontrou seu olhar.

— Sim. -não era provável que ela esquecesse.

Adriyel ficava em Other Land, e no ano passado o território dos DarkFae ficou muito agitado. Quando Urien, o rei dos DarkFae, sequestrou a companheira de Dragos, o Senhor dos Wyrmatou, Urien. Em seguida, a herdeira do trono, Niniane Lorelle, que estava vivendo sob a proteção de Dragos, teve que viajar para Adriyel para reivindicar seu direito de primogenitura. Assim, Niniane havia sobrevivido a duas tentativas de assassinato em Chicago. Seremela havia sido a médica legista que realizou a autópsia nos corpos dos supostos assassinos. O Wyr sentinela guerreiro Tiago havia deixado sua posição no território Wyr em Nova Iorque para viajar com Niniane e protegê-la. Era do conhecimento público que ele trabalhava para a nova rainha como seu chefe de segurança, mas em particular, aqueles que conheciam o casal também sabiam que estavam acasalados.

Desde aquela época, notícias de Adriyel saíam em trechos intercalados com semanas de silêncios. Poucos meses depois da coroação, a nova rainha DarkFae havia prendido vários nobres e os autuou por crimes cometidos contra a coroa, incluindo traição, conspiração, o regicídio de seu pai e os assassinatos do resto de sua família.

Logo após os julgamentos, os conspiradores foram executados.

Depois de mais alguns meses, Adriyel abriu oficialmente suas fronteiras para turismo e comércio aberto. Ainda assim, seis meses mais tarde, era raro ver um DarkFae em público.

— Você conheceu Thruvial em Adriyel? -perguntou Seremela.

— Sim, brevemente. Thruvial era um nobre, e eu era apenas uma parte da comitiva de Carling, de modo que ele e eu não tínhamos nenhuma razão para iniciarmos uma conversa. Mas eu tenho uma boa memória para nomes e rostos, e me lembro dele na coroação e na celebração depois. Por que ele iria vir para cá, de todos os lugares?

Agora ele tinha a testa franzida. Urgência bateu nas veias de Seremela. Precisava chegar a sua sobrinha. Vetta finalmente havia abocanhado mais do que poderia mastigar, e a pobre idiota deve estar com muito medo. Às vezes, as pessoas tinham que bater no fundo do poço antes de poder mudar. Se isso fosse verdade, Vetta provavelmente estava completamente transformada enquanto esperava no escuro, sozinha, por sua própria execução.

Mas tanto quanto Seremela queria chegar logo no Cassino Geena, Duncan estava certo ao pausar e avaliar a situação. Eles precisavam ter a mente clara e bom entendimento, tanto quanto pudessem saber sobre o que estava realmente acontecendo, e parte disso significava tentar compreendera vítima e por que ele havia sido morto.

— Os DarkFae são famosos por sua metalurgia. Talvez a possibilidade de encontrar um nó de magia rico em metais o atraiu aqui, especialmente agora que abriu o comércio entre Adriyel e o resto do mundo. -Seremela considerou.

—Talvez, mas se fosse esse o caso. Por que Thruvial não enviou funcionários ou ajudantes? Por que vir por si mesmo?

E uma vez que ele chegou aqui, por que se envolver em prostituição, e não em escavação e mineração?

— Não sei. -a frustração brotou nela.

O aperto nos cotovelos ficou mais forte. Ele repetiu:

— Mas o que realmente me incomoda é a presença do Djinn aqui, e seu envolvimento. Seremela, se for embora agora, você pode chegar a Reno dentro de uma hora. Poderia fazer uma chamada no celular, falar com Carling e Rune e dizer a eles o que está acontecendo enquanto vou falar com esse Malphas e ver o que posso fazer aqui.

— Eu não vou.

Ele parecia tão perturbado quanto ela, e até mesmo com um pouco de raiva.

— Não quero que você fique aqui.

Ele estava muito preocupado com ela?

— Duncan, pense por um momento. -ela disse suavemente. — Seria bom se um de nós pudesse ir e dizer ao mundo exterior o que está acontecendo, mas há um Djinn envolvido e informações funcionam nos dois sentidos. E se Wendell decidiu que outras pessoas estariam dispostas a pagar para o que ele sabe sobre nós? E se uma dessas pessoas é o Djinn? Ninguém aqui tem qualquer autoridade legal ou qualquer direito para executar Vetta. Presa por assassinato. Inferno, eu poderia estar bem pertinho de Reno, e ele ainda poderia me parar, se ele quisesse. -ela fez uma pausa para deixar seu ponto afundar. — Nós não poderíamos saber disso na época, mas atingimos o ponto de não retorno no momento em que entramos na loja do Wendell. Precisamos confrontar o que seja isso, juntos, de cabeça erguida. Agora.

— Deuses caramba. -os lábios dele puxaram para trás dos dentes, onde, ela viu a sugestão das finas presas. Em seguida, o controle sobre os cotovelos se soltaram, e ele

acariciou levemente os seus antebraços antes de deixá-la ir.
—Tudo bem. Vamos encontrar Geena.

O cassino foi fácil de localizar. Situava-se à beira de uma grande tenda arredondada. Ruídos estridentes derramavam dela e bêbados caíam sobre a abertura. A chama de luz elétrica brilhava sobre fileiras de máquinas caça-níqueis. Malphas, ou o gerente do cassino, investiu na importação de geradores elétricos. Cigarro, charuto e haxixe nublavam o ar.

Seremela avistou um movimento na periferia de sua visão e olhou para cima. Uma passarela foi construída ao redor da borda da tenda onde vários Globins grandes e bem armados, andavam e observavam a multidão abaixo.

Seu lábio enrolou. Ela e Duncan trocaram um olhar, em seguida, mudaram-se ainda mais para dentro da tenda onde encontraram as mesas de jogos. Pessoas avistaram Seremela e afastavam-se para dar a ambos um amplo espaço.

Ela estava bem com isso. Queria um espaço de três metros entre ela e qualquer outra pessoa neste buraco.

Funcionários masculinos e femininos, ambos das raças Elder, passavam com bebidas e bandejas com fichas para os humanos comprarem, vestidos apenas em correntes na cintura e coleiras. Mesmo Seremela não sendo puritana, não gostava de ver corpos estranhos desfilando nus e se balançando na frente dela sem aviso, afastou o olhar com uma maldição murmurada.

Um empregado humano aproximou-se com um sorriso brilhante, embora Seremela notasse que ele parou do lado de Duncan, ficando bem longe dela.

—Quer comprar algumas fichas?

—Queremos falar com o gerente. -Duncan pediu.

Com seu sorriso nunca vacilante, o funcionário disse:

— Sim, boa sorte com isso. É uma noite movimentada, e ele está muito ocupado. Todos os dias também. Geena nunca fecha, não importa o quão quente ele fica. O escritório é ali em frente.

— Obrigado. -Duncan agradeceu.

Mal deu três passos para frente quando uma vampira, ladeada por dois Goblins, empurrava a multidão em direção a eles. A vampira era loira e vestia calça preta de couro e um top preto, que mostrava o musculoso torso. Usava uma semiautomática no coldre do quadril e se movia como uma lutadora. Também parecia inteligente, e parou bem na frente deles.

Depois de um olhar abrangente em Duncan, a vampira focou em Seremela.

— Se quiser permanecer aqui no Geena, tem que cobrir suas cobras. Você está perturbando os clientes.

— Nós não estamos aqui para jogar e não temos nenhuma intenção de ficar no salão. -Seremela disse calmamente. — Estamos aqui para falar com Malphas.

A vampira esfregou atrás do pescoço e estudou os dois sob as sobrancelhas levantadas.

— Você está aqui por causa da menina, não é? -quando nenhum dos dois confirmou nem negou, a vampira balançou a cabeça. — Sigam-me.

Descartando os dois Goblins, os levou pela multidão. Depois, sem parar, os levou para fora através de outra abertura. Atrás da tenda, havia vários trailers estacionados, a área cercada com arame farpado de três metros de altura. Seremela olhou ao redor enquanto caminhavam. Ela sabia em seus ossos que Vetta estava muito próxima, provavelmente em um desses edifícios.

“Ela está aqui. Eu sei que ela está.” Seremela afirmou.

Duncan continuou andando com toda a calma, como sempre, com as mãos soltas ao lado do corpo, mas ela percebeu como os olhos acentuados percorriam o local.

“Eu acredito em você. Também acho que ela está aqui.”
Duncan respondeu.

A escolta vampírica aparentemente não era muito de bate papo ocioso, pois não disse uma palavra até chegarem ao último trailer. Uma vez lá, abriu a porta e acendeu a luz. Duncan olhou, mas não entrou. Seremela olhou e não viu nada. O interior estava totalmente vazio e iluminado por uma única lâmpada.

A vampira disse:

— Se você quiser falar com Malphas, entre e ligue para ele. Ele vem ou não, como lhe convier. Se você mudar de ideia, vá embora. De qualquer maneira, o enforcamento é ao amanhecer.

Seremela cerrou os punhos para a vampira, e as cobras começaram a sibilar. Ela deu um passo para ela, quando o braço de Duncan disparou para bloquear seu caminho.

— Calma, querida. -ele disse baixinho.

“Não desperdice sua energia com ela. Ela não é importante. Temos coisas essenciais para nos concentrar.” - acrescentou silenciosamente.

Respirou fundo e lutou para controlar seu temperamento. Ele estava certo. Esta vampira não importava em nada. Deu-lhe um breve aceno de cabeça, e ele baixou o braço e entrou. Com um último olhar para a vampira, Seremela o seguiu.

Dentro o vão não tinha nada, sem adornos quando a primeira olhada havia dado a ela. Paredes de metal, piso de metal, teto de metal. Sem cadeiras, sem tapete, sem móveis ou mesas. Depois de terem ambos girando em círculos, Duncan deu de ombros e disse para o aparente vazio.

— Malphas.

No início nada aconteceu, e um desespero furioso ameaçou dominar Seremela. Ele tinha que vir.

Então fumaça preta deslizou para dentro do trailer através da porta aberta, e o ar começou a comprimir. Poder construído foi pressionado contra eles, a respiração de Seremela ficou reduzida e teve que engolir em seco. Isto era muito antigo, possivelmente, da primeira geração de Djinn. O que estava uma primeira geração Djinn fazendo no Portão do Diabo?

O poder se fundiu em forma de um homem de cabelos dourados, alto, com um belo rosto angelical e duas explosões celestes como olhos. Essas estrelas gêmeas penetrantes fixas sobre eles, e o belo homem deu-lhes um sorriso mortal.

— Bem vindos ao Geena. -Malphas os saldou.

Capítulo Seis

Amor

— O QUE POSSO FAZER POR VOCÊS? -PERGUNTOU O DJINN.

Perigo soprou ao longo das costas do pescoço de Duncan. Depois de um olhar para ele, Malphas virou-se para Seremela, que o olhou com uma expressão calma, mas tensa. As cobras envoltas em seus braços e ombros, e todas encaravam o Djinn.

—Fomos informados de que a minha sobrinha vai ser executada por assassinato ao amanhecer. Há algum engano. Vetta não cometeria assassinato.

— Ah. -Malphas gesticulou com uma longa mão branca. —Temo que a verdade tenha eficácia limitada, especialmente aqui.

Com isso, uma simples frase, o perigo na sala disparou.

Então Duncan soube que aquele Djinn estava distorcido, danificado, e era um pária, porque um Djinn prezava a verdade, juntamente com todas as outras formas de justiça.

“Cuidado.” Duncan alertou. Seremela lhe deu um olhar assustado.

—Qual a sua Casa, Malphas? -Duncan indagou.

O Djinn considerou-o por um momento. Então riu.

— Você acredita que responder a isso tem alguma relevância?

— Como Djinn, a resposta é sempre relevante. -Duncan disse em um tom de voz educado.

Malphas inclinou a cabeça em reconhecimento.

— Eu venho da Casa Shaytan.

— Atualmente? — Perguntou Duncan.

— Não. -o sorriso de Malphas se arreganhou.

“Duncan, o que está acontecendo?” -a voz telepática de Seremela parecia tensa.

Ele manteve sua atenção fixa na criatura mortal na frente dele, os músculos em seu corpo apertando firme.

“Ele é um pária, Seremela. Um muito poderoso.”

“Eu não sei muito sobre a sociedade Djinn.” -a expressão dela se tornou temerosa. *“Eu não sei o que isso significa.”*

“Mas eu sei.” -respondeu severamente.

As cinco Casas Djinn foram construídas sobre associações, e as associações foram edificadas sobre a palavra empenhada. O Djinn que quebrava sua palavra era visto como não tendo nenhuma honra por outro Djinn, e ele tornava-se um pária, sem associação com qualquer das Casas, sem lei e desonesto.

Seremela disse que atingiram o ponto de não retorno quando eles entraram na loja do Wendell, mas aqui na Geena que tinham pisado era um lugar muito pior, e infinitamente mais perigoso. Wendell havia dito que o Djinn era assustador, e que não se preocupava com ninguém.

Um estilete de gelo cortou Duncan.

Seja o que for que Malphas se preocupava, certamente não era com a verdade, ou a lei. Sendo da primeira geração Djinn, ele teria o Poder de saber se Vetta estaria ou não dizendo a verdade, se ela alegou que era inocente. Desde que ele ainda a estava segurando em custódia, ele não se importava com quem realmente matou Thruvial. A morte de

Vetta deve beneficiá-lo de alguma forma, só que agora Duncan e Seremela apareceram para protestar.

Malphas não veio à sala vazia para conversar com eles. Ele veio para descobrir se deveria ou não matá-los também. A única razão pela qual Duncan e Seremela estavam vivos era porque o Djinn ainda não decidiu qual curso de ação seria do seu maior interesse.

— As coisas eram diferentes enquanto a menina era uma ninguém, não? -Duncan se virou para manter Malphas na sua frente, já que o Djinn caminhava vagarosamente em torno dele. — Porque, então ninguém se importava se ela morresse. O que não entendo é por que enforcá-la em primeiro lugar?

— Ela é uma criança estúpida. -o tom de Malphas era cheio de desprezo, como se conversassem sobre um cachorro desobediente. — Ela é insolente e rude, e se comporta como se todo mundo lhe devesse algo. Antes de vocês chegarem, não havia ninguém aqui no Portão do Diabo que sentiria sua falta, várias pessoas até gostariam de dizer adeus para ela. Alguém de Poder, alguém que dominava uma grande quantidade de energia aqui, foi morto, e muitas outras criaturas poderosas estão perturbadas com o homicídio. Eles querem vingança. Eles querem ter certeza de que o mesmo não acontecerá com eles e o assassino não pode ficar impune. Eles ouvem a palavra “veneno” e veem uma medusa... -o Djinn deixou a trilha da frase enquanto encolhia os ombros. — O clamor para enforcá-la tornou-se demasiado alto para ignorar. Ela tinha que ser trancada em algum lugar, então eu a peguei.

— Nos dê uma chance para descobrir quem realmente é o assassino. -os olhos de Seremela queimavam com a emoção reprimida, mas, Duncan estava contente de ver, o rosto e a voz permaneceram calmos. — Eu-eu fui médica legista. Se puder examinar o corpo, posso determinar que tipo de veneno foi usado e possivelmente descobrir mais informações. De

antemão, posso garantir que mesmo se as cobras de Vetta mordessem várias vezes, elas são muito imaturas para conter veneno suficiente para matar um maduro homem DarkFae.

— Manter um cadáver envenenado, apodrecendo com este calor? -o belo rosto de Malphas torceu com desgosto. — Oh, não, doutora. Enquanto a sua oferta pode levar certo mérito teórico, não há um corpo para ser examinado.

— O que você quer dizer com não há corpo? -Seremela perguntou firmemente. — O que aconteceu com ele?

— Os empregados de Thruvial não tinham as boas ervas DarkFae para preservar o morto. Os restos mortais ficaram tão nauseabundos que mesmos foram forçados a queimá-lo em uma pira, ontem.

Enquanto Duncan ouvia, sua mente corria. Descobrir o que preocupava o Djinn era a chave que iria deixá-los sair vivos daquela sala.

O Djinn não se importava com quem matou Thruvial, também não se importava sobre qualquer uso de Vetta como bode expiatório, ou ele já a teria enforcado quando a morte de Thruvial foi descoberta.

Por que o Djinn se envolveu em primeiro lugar? O que ele ganhava com isso?

Duncan precisava descobrir urgentemente o que preocupava Malphas.

Inicialmente, o farmacêutico Wendell deu um pequeno sinal. Malphas desempenhava algum tipo de equilíbrio de poder. Como Djinn de primeira geração que também era um pária, ele vivia com o risco constante de ser caçado por outros de sua espécie.

Por outro lado, no entanto, matar Malphas seria extremamente difícil e dispendioso. Nenhum Djinn estaria disposto a fazer, a menos que não tivessem outra escolha.

Quando os outros moradores do Portão do Diabo exigiram ação, Malphas tomou Vetta em custódia e a deixou fora de execução por alguns dias, não por causa de um senso de justiça, mas por causa de um senso de autopreservação.

Tudo isso disse a Duncan algumas poucas coisas. A primeira foi que Malphas não esperava sofrer qualquer repercussão com a morte de Thruvial porque ele não estava envolvido.

No entanto, Malphas estaria envolvido na morte de Vetta se permitisse o enforcamento. Ele queria ter a certeza de que a morte da garota não importava a ninguém.

— Esta é uma linha que você não quer cruzar, Malphas.
-Duncan arriscou.

O Djinn apresentava os olhos de uma explosão estrelar.

—Tem a minha atenção, vampiro. Explique o que você quer dizer.

— Você pode não pertencer a uma determinada Casa, mas nós pertencemos. Nossa Casa se importa com o que acontece conosco, eles sabem onde estamos e as nossas associações são fortes. Carling Severa é a minha criadora, e mesmo não mais integrando o Tribunal Elder, ela ainda mantém conexões e alianças com os mais poderosos dos Djinn. Conexões que incluem a cabeça do próprio Tribunal, Soren, e o filho de Soren, Khalil da Casa Marid. Na verdade, você pode ter ouvido, uma vez que Carling e Khalil foram para a guerra juntos contra uma pária Djinn da primeira geração. Eles ganharam.

— Entendo. -as pálpebras de Malphas desceram sobre as estrelas ardentes de seus olhos, endurecendo sua expressão.

— O que aconteceu com Thruvial não é da nossa preocupação. -Duncan continuou. — Não estamos aqui para resolver um assassinato, nem queremos nos envolver ou

aplar os ânimos dos moradores locais, não nos importamos com o sentimento de posse, privilegio ou benefício que alguns parecem ter adquirido aqui no Portão do Diabo. Não precisamos nos justificar para tirar uma garota inocente longe de uma situação perigosa. Você não irá nos impedir de recuperá-la, nem vai nos prejudicar de alguma forma quando nós sairmos, porque se você fizer, trará uma guerra para si mesmo, e realmente, Malphas, esta situação não vale a pena o perigo.

Enquanto Duncan falava, um rápido tamborilar de passos soou do lado de fora. A guarda vampira apareceu na porta aberta, carregando uma mochila em um ombro, enquanto segurava o braço de uma jovem medusa com um rosto coberto de lágrimas.

—Tia Serena. -a medusa gritou.

— Solte a minha sobrinha.

A vampira jogou a mochila no chão e empurrou Vetta, que foi para frente. Seremela a agarrou.

— Você está certo. -o Djinn pária sorria de forma angelical. — Nenhum de vocês está envolvido.

Seremela apertou a garota com tanta força que os músculos de seus braços saltaram, enquanto Vetta enterrava o rosto no seu pescoço e chorava. Seremela observou o Djinn dissolvendo em fumaça preta. Duncan girou sobre o calcanhar em direção a ela, com o rosto composto, mas os olhos brilhavam com uma luz perigosa.

— Nós terminamos aqui, né? -Seremela perguntou ferozmente.

— Estamos acabando. -ele parecia tão calmo como sempre, a rica voz suave e calmante, mas quando caminhou em direção a ela puxou a arma.

Ela chupou ar, segurando Vetta apertado e disse entre dentes:

— E agora?

Simpatia escureceu o olhar de Duncan quando ele chegou ao seu lado. Ele agarrou-lhe o ombro e disse:

— Malphas optou por nos soltar, mas isso não significa que qualquer outra pessoa no Portão do Diabo não tente nos impedir.

— Merda. -é claro que ele estava certo. Seremela olhou ao redor, mas a vampira também desapareceu.

Vetta levantou a cabeça. Os olhos estavam manchados com listras de delineador preto, e as pequenas cobras delgadas estavam totalmente subjugadas, enroladas em silêncio contra a cabeça dela. Seremela podia ver no rosto jovem e exausto de sua sobrinha, os traços de quão carinhosa Vetta foi uma vez.

— Eu realmente quero ir para casa agora, tia Serrie. - sussurrou.

— Claro que sim. -Seremela disse suavemente. Agora não era o momento para recriminações ou palestras. — Está ferida?

— Só cansada e com fome. -Vetta enxugou o rosto.

—Tudo bem. -Seremela olhou para a mochila que a vampira havia jogado no chão.

—É sua?

Vetta assentiu. Duncan disse:

— Nós não tentaremos recuperar qualquer outra coisa. Iremos direto para o nosso carro para irmos embora.

— Isso é bom, eu não me importo com mais nada. - disse a menina, com a voz oscilando. — Eu só quero cair fora deste inferno.

Quando Seremela voltou sua atenção para a mochila no chão, percebeu imediatamente um brilho quente de Poder

antigo. Inclinou-se e estendeu a mão para dentro da mochila, esquadrinhando-o com cuidado.

Quando ela trabalhou como médica legista, a maioria das mortes que havia autopsiado ocorrerem através de meios mágicos ou poderosos, e seu sentido mágico foi finamente afiado.

Estava acostumada a lidar com perigosas energias residuais. Normalmente, quando esquadrinhava por magia, poderia encontrar dentro de momentos. Um feitiço de uma bruxa humana, um artigo infundido com Poder DarkFae, Demonkind, Elven, Djinn ou LightFae, reconhecia os sabores e características de todas as magias, e na maioria das vezes o que podia ou desativar ou conter os feitiços.

Este, no entanto era estranho. Isso era algo diferente de tudo que já havia visto. Quanto mais ela se concentrava, mais sentia o profundo o poço de energia debaixo do verniz leve, brilho suave. Por um momento ela se sentiu como se pudesse cair em algo mais vasto do que ela jamais experimentou. Espantada e um pouco assustada, puxou uma caixinha e ouviu-se dizer acentuadamente,

— O que você tem aqui?

— O maldito baralho de Tarot. -Vetta deu um novo soluço.

— Onde diabos você conseguiu algo assim? -Seremela se virou para olhar a menina.

O rosto de Vetta torceu com um flash do seu eu rebelde, mas sumiu rapidamente. Ela lamentou-se:

—Roubei há uns dois meses atrás. Eu já estou tão, tão triste que pus os olhos nele, então não é necessário você gritar comigo sobre isso agora, tudo bem?

Seremela levantou o queixo, e disse em um tom macio, suave:

— Não está nada bem, mas percebi a sua escolha de palavras, Vetta. Você está arrependida de colocar os olhos sobre ele, mas não está arrependida de ter roubado isso?

Olhos avermelhados da garota se arregalaram com espanto fresco.

— Esta conversa pode esperar até mais tarde. Seremela, o baralho é demasiado perigoso para levar com a gente? - Duncan perguntou em voz baixa.

Ela o olhou rapidamente, em seguida, voltou sua atenção para a caixinha. Após um momento, disse:

— Ele não está ativo no momento, então não creio que seja perigoso. No entanto, é um item muito antigo de Poder. Não devemos deixá-lo.

— Então, nós vamos levá-lo. -ele decretou. — Você cuida do baralho e nos partirmos agora.

Ela assentiu com a cabeça, pegou a mochila e atirou-a por cima do ombro. Duncan caminhou até a porta aberta e olhou para fora. O luar afeiçoou sua expressão de conjunto com o olhar penetrante.

Seremela havia se acostumado a ler as mudanças sutis em seu rosto. Quando viu a linha da boca endurecer, perguntou:

— O que foi?

— A única maneira de sair daqui é através do cassino. Eu notei quando entramos.

Assim que ele mencionou, Seremela se lembrou da linha ininterrupta da cerca também.

Ela falou sério com Vetta:

— Você precisa manter a cabeça baixa. Fique colada a mim, jovem, e acima de tudo, mantenha a calma. Eu não me importo se você ver alguém que não gosta, ou se alguém

disser algo que você não gosta. Você não hostilizará ninguém. Você me ouviu?

A menina abaixou a cabeça e balançou a cabeça, e Duncan liderou o caminho para a parte traseira do cassino, onde clarões de cor derramavam para fora da abertura. Seremela pensava inquieta, como a porta estava aberta e espalhando luz.

Eles caminharam para dentro e ao longo do corredor principal.

O silêncio começou a se espalhar no meio da multidão. O estômago de Seremela se apertou enquanto as pessoas olhavam para eles. Em seguida, começaram a sussurrar. Vetta fez o que havia prometido e manteve a cabeça baixa enquanto caminhava tão perto de Seremela quanto podia sem derrubar as duas.

Seremela colocou um braço em volta dos ombros da sobrinha e várias das cobras cercaram Vetta também. Ela tentou o melhor que pôde adotar a calma de Duncan, semblante tranquilo, enquanto cada passo que dava, a cada momento que passava, sentia como se fosse uma hora. Em grande contraste com a forma como ela se sentiu quando entraram no lugar, ela olhou para os Goblins armados e se sentiu grata por suas presenças.

Uma onda de reação surgiu no meio da multidão, e ela sabia que não sairiam do cassino sem algum tipo de confronto.

Duncan virou para enfrentar o tumulto. Ele ainda parecia tão prosaico como se estivesse tirando o lixo, enquanto seu coração estava pulando em seu peito como uma gata em teto de zinco quente. Quando olhou o perfil dele, levemente interessado, sentiu uma onda de emoção tão poderosa, que quase a derrubou de bunda no chão.

“Eu te amo.” -ela pensou. “Você tem saído do seu caminho por mim, tem viajado por todo o país. Você já

enfrentou pequenos criminosos e um Djinn desonesto. Você aceitou sem questionar quando eu disse que Vetta era inocente, e fez tudo isso com humor e gentileza, e está disposto a fazer a mesma coisa por minha sobrinha, a quem você nem sequer foi devidamente apresentado.

Como eu poderia não amar você?

Como eu não poderia?

A multidão se abriu e uma mulher DarkFae se aproximou. Era alta e magra, com as feições angulosas marcantes e largos olhos cinzentos. O cabelo preto brilhante estava preso em uma trança, e ela usava simples leggings escuras e uma túnica sem manga. Também usava uma espada que permanecia no cinto, amarrada a suas costas. As mãos estavam vazias e soltas ao lado do corpo, enquanto parava na frente deles.

Vetta quebrou a promessa de silêncio em um sussurro.

—Xanthe.

O braço de Seremela a apertou em alerta.

À exceção de um ligeiro sorriso e um piscar de olhos, uma expressão que se foi quase antes de Seremela poder registrar, a mulher DarkFae não deu nenhum sinal de que ela ouviu Vetta. Em vez disso, virou-se para Duncan e disse:

— Por favor, deixe-me ajudar escoltando vocês seguramente para fora deste lugar.

— Por que deveríamos? -perguntou Duncan.

— Porque eu também sei que a menina é inocente. -a DarkFae falava inglês perfeitamente, com um leve sotaque, e levantou a voz quando respondeu, provocando outra reação de ondulação através dos espectadores ávidos.

— Então, por gentileza. -Duncan apontou para o corredor em frente. — Depois de você.

A mulher que Vetta chamou de Xanthe inclinou a cabeça e assumiu a liderança, então Duncan fez um gesto para Seremela e Vetta para seguirem à frente dele, e ficou atrás delas.

Cautelosamente, Seremela seguia a mulher, enquanto tentava pensar em como a manobra, eventualmente, poderia ser uma armadilha, mas não podia ver como, afinal a mulher fez uma declaração muito pública da inocência e apoio a Vetta.

Eles trabalharam seu caminho através do resto do cassino. Com a DarkFae à frente deles, e Duncan os protegendo por trás, Seremela sentia-se mais segura. Ela devotamente esperava que não fosse uma ilusão.

Seremela perguntou a Vetta telepaticamente.

“Você conhece essa mulher?”

“Não realmente. Eu sei quem ela é, ou era, de qualquer maneira. Ela foi uma das auxiliares de Thruvial. Ele tinha três. Eu acho que é tradicional, não é?”

Vetta estava correta. Tríades DarkFae apareciam de várias forma sem sua sociedade. Seremela pensou onde estavam as outras auxiliares.

“Sim, é tradicional. O que você sabe sobre ela?”

Vetta encolheu os ombros. Ela parecia e soava exausta.

“Como eu disse, nada demais. Ela é tranquila e mantém suas opiniões para si mesma.”

“Tudo bem.” -Seremela a acalmou.

Elas ficaram em silêncio. Certamente, mais tarde Seremela sonharia com essa caminhada infernal através da Geena, os sonhos seriam cheios de uma sensação arrepiante de medo, enquanto uma série de criaturas a olharia com expressões famintas e sairiam logo atrás dela, movendo-se para matá-la.

Então, finalmente, saíram da tenda. O ar frio da noite no deserto era indescritivelmente maravilhoso. Seremela e Vetta respiraram fundo, quase cambaleando como alívio, quando a mulher parou para olhar por cima do ombro para eles.

— Não parem. -Duncan comandou. — Precisamos ir embora rapidamente.

Seremela acenou com a cabeça, e o pequeno grupo mudou para uma formação diferente. Desta vez a mulher se atrasou um pouco para andar ao lado de Seremela, enquanto Duncan se adiantou para o lado de Vetta.

— Para chegarmos ao centro do acampamento, é melhor evitarmos a área movimentada. Seria mais prudente irmos pela periferia. -a mulher Darkfa sugeriu.

Duncan e Seremela olharam Vetta para confirmação. A menina disse:

—Xanthe está certa. O acampamento é mais calmo nos arredores.

— Mostre o caminho. -disse Duncan.

A mulher DarkFae começou a correr, e eles acompanharam. Moveram-se rapidamente através da área tranquila. Haviam contornado o acampamento e chegaram a beirada do enorme estacionamento, quando Seremela não conseguiu ficar quieta por mais tempo. Parou e puxou Vetta para o seu lado. Os outros dois pararam também.

— Você, qual é o seu nome? -Seremela se dirigiu à mulher DarkFae.

—Xanthe Tenanye.

— Você simplesmente a deixou lá. Sabia que Vetta era inocente, e os deixou aprisionarem-na por... o que, dois dias? Ela estava apavorada e sozinha.

— Eu não queria. -os grandes olhos cinzentos de Xanthe pareciam reunir toda a iluminação escassa do luar, enquanto os braços estavam tensos ao seu lado. —Fiquei na Geena nos últimos dois dias, observando enquanto tentava descobrir o que eu poderia fazer por ela. Mas não teria deixado eles a enforcarem.

— Interessante. -Duncan se posicionou mais perto da DarkFae. — Como sabia que Vetta era inocente, e como pretendia pará-los?

— Confessando, se eu não tivesse outra escolha. -disse Xanthe Tenanye. — Eu sabia que Vetta não matou Cieran Thruvial, porque eu o matei.

— Você é uma assassina? -Vetta gritou de surpresa, que teria soado cômico em quase qualquer outra situação.

— Você pode me chamar assim, se for preciso.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Perguntou Vetta. — Eles vão enforcá-la, se descobrirem que foi você.

— Estou bem ciente disso, mas não poderia ir embora e deixar você ser enforcada. -Xanthe olhou em volta. — Não é seguro ficar aqui e ter essa conversa. Vocês precisam sair imediatamente.

Seremela e Duncan se entreolharam.

— Entender o que aconteceu ou nos envolver no caso ainda não é a nossa missão. -ele murmurou.

— Meus pensamentos exatos. -Seremela disse severamente. Lembrou-se de onde haviam estacionado o SUV e começou a puxar Vetta naquela direção.

Foi quando Vetta preferiu cavar em seus calcanhares, literalmente. Por simplesmente não se mover, ela arrastou Seremela a uma parada.

— Por quê? -Vetta perguntou asperamente a Xanthe. — Eles me prenderam em um trailer sem água, sem comida,

sem nada, e eu sabia que iria morrer. Tudo isso porque você matou alguém, e eu preciso saber por quê.

Pela primeira vez, Xanthe expôs emoção em sua linguagem corporal quando bruscamente esfregou a parte de trás do pescoço.

— Eu trabalho para a Rainha DarkFae. Mais precisamente, trabalho para o seu chefe de segurança. Não apenas assassinei Thruvial, eu o executei em retribuição aos crimes cometidos contra a coroa. Eu não tinha ideia de que você iria ser culpada por sua morte. Agora você vai?

Assim que a mulher mencionou a Rainha, Seremela e Duncan caíram em um impasse. Eles olharam para Xanthe.

— Oh inferno. -disse Duncan. — Ela está dizendo a verdade.

Seremela estava começando a se sentir tonta com todas as reviravoltas ao longo das últimas horas.

Assassinato. Drogas ilegais. Um pária, e agora a política interterritorial. Ah, e ela não poderia se esquecer de adicionar o roubo de um item importante de energia para essa lista, não quando seu sutil, e insondável Poder era lento, mas seguramente, inundava os ossos do seu ombro. Sentia-se bem, forte e exótica ao mesmo tempo, e ela não confiava nem um pouco nesse sentimento.

Vetta havia começado a falar quando Seremela interrompeu.

— Não há mais discussão. -ela nunca usou um tom de voz tão duro com a sobrinha. Vetta parecia chocada e sua boca fechou com um estalo. Seremela dirigiu sua sobrinha de volta na direção da SUV enquanto dizia para Xanthe. — Obrigada por cuidar da minha sobrinha. Quer vir conosco agora ou ficar, e se despedir?

Duncan foi para o lado de Seremela com graça suave. Xanthe deu alguns passos para trás, enquanto falava:

— Meus agradecimentos, mas seria muito mais seguro sem...

Uma nova voz interrompeu.

— Não pude acreditar Xanthe, quando soubemos que você defendeu a assassina do nosso senhor e a acompanhou por toda Geena. Agora podemos ver a sua traição com nossos próprios olhos.

Pela segunda vez naquela noite, Duncan ficou atribulado. Até o momento que Seremela girou ao redor, ele já enfrentava os três recém-chegados com a arma apontada para suas cabeças.

Eram DarkFae, dois macho e uma fêmea, vestidos como Xanthe em leggings simples e túnicas sem mangas, com espadas amarradas às costas. Eles olharam de Xanthe, para Vettae Seremela, as expressões amargas com ódio.

— Ela é inocente. -Xanthe puxou a espada. — E vão partir deste lugar ilesos.

— Ela é tóxica. -cuspiu um deles. — Não fez nenhum segredo de como detestava nosso senhor, e agora chegou outra de sua espécie, que é ainda mais venenosa.

Eles sacaram as espadas, e o som do longo raspar metálico correu na espinha de Seremela.

“Será que não compreendem que você tem uma arma apontada para eles?” -disse Seremela incrédula na cabeça de Duncan.

Xanthe saltou, os outros foram ao seu encontro e o choque de aço retiniu na noite.

— Eu não posso usá-la e eles sabem disso. -disse Duncan. —Um tiro iria chamar muita atenção. O som da luta de espadas já é ruim o suficiente.

Ele jogou a arma para ela. Chocada, ela fez um ruído incoerente e soltou Vetta pra tropeçar em frente, mal conseguindo pegá-la.

— Espero que você saiba atirar. -Duncan disse. —Use-a como último recurso.

Ela olhou para ele, e pegou o começo de um selvagem sorriso, enquanto ele saltava para os três combates DarkFae.

— Oh, deuses, eu só quero acordar e estar em minha própria cama. -Vetta sussurrou.

As mãos de Seremela tremeram quando olhou para a 9mm. Duncan a travou antes de jogar para ela. Clicou-a destravando, e estava preparada, enquanto observava a luta. Enquanto não era de maneira nenhuma uma especialista, mas, sim, ela sabia atirar.

— Para trás de mim. -Seremela disse a Vetta.

A menina obedeceu e se encolheu tremendo contra ela. Todas as serpentes de Seremela focavam no perigo à frente. Cada músculo em seu corpo estava tão tenso como um fio de piano, e se sentia um pouco enjoada observando a violência corpo a corpo.

Eles lutavam velozmente, todos os cinco, muito rápidos para Seremela acompanhar a luta, e os DarkFae eram difíceis de distinguir nas sombras prateadas. Um atingia o outro sem trégua, oh, depois de um duro golpe e um grunhido, um DarkFae caiu sobre os joelhos e assim ficou, enquanto Duncan continuava na peleja em uma enxurrada viciosa de golpes e reações, e a luta continuava horrível, repugnantemente injusta porque o adversário tinha uma espada, enquanto tudo o que ele tinha era uma faca.

Um tic começou na têmpora, vibrando em um ritmo frenético, porque uma coisa é saber como atirar, mas outra bem diferente é saber atirar, e como diabos saberia quando

usar o último recurso, afinal? Ignorou a dor de cabeça e localizou o adversário de Duncan com a arma.

Duncan deu um salto para frente, um violento ataque rápido. Seu adversário caiu para trás e permaneceu sem se mexer no chão. Demorou um par de batimentos cardíacos para Seremela compreender os fatos, porque a violência terminou tão rapidamente e abruptamente como havia começado.

Dois dos DarkFae caíram. Duncan e os dois homens se enfrentaram, mas depois que eles caíram não saltaram para atacar novamente. Seremela só reconheceu Xanthe ao certo, quando a outra mulher estendeu a mão sobre a cabeça para embainhar a espada.

Seremela abaixou a arma, deslizou a trava de segurança novamente e caminhou rapidamente até Duncan para arremessar os braços ao redor dele. Ele apertou-a contra ele, com uma mão na parte de trás do seu pescoço.

— Você está ferido? -ela sussurrou.

— Não. -ele sussurrou de volta. — Eu estou bem.

Oh deuses, obrigada. Ela o segurava com toda a sua força. Era excepcionalmente bom sentir o rosto bonito contra o dela, o comprimento de seu corpo duro.

— Vamos para casa agora. -Duncan decretou.

Ela assentiu com a cabeça. Não confiava em si mesma para falar. Nesse momento, pensou que aquelas eram as quatro palavras mais maravilhosas do dicionário.

Vamos para casa agora.

Capítulo Sete

Carreira

DEPOIS DE UMA ESTRESSANTE, MAS SEM MAIS NENHUMA OCORRÊNCIA ESPECIAL, VIAGEM DE VOLTA PARA O AEROPORTO DE RENO, eles estavam no ar um par de horas mais tarde indo para Chicago, onde permaneceria apenas o tempo suficiente para Xanthe desembarcar, antes de voarem para Miami.

Durante a viagem de carro, Vetta bebeu três garrafas de água, comeu duas barras de proteína, teve uma crise de choro no ombro de Seremela quando o alívio a atingiu, assim que conseguiu sinal para fazer uma ligação para a irmã de Seremela, Camilla. Vetta chorou mais um pouco falando com a mãe. Depois que entraram no jato e decolaram, a menina desapareceu no lavatório por um tempo para surgir depois, pálida e exausta, porém um pouco mais limpa.

Depois que Vetta terminou, todos se revezaram para se lavar. Seremela suspirou de alívio quando lavou a poeira do deserto do rosto, braços e pescoço.

O amanhecer derramou sobre o horizonte. Depois de fecharem todas as janelas para bloquear o sol da manhã, o copiloto serviu a Xanthe, Vetta e Seremela bandejas de café da manhã em estilo bistrô, com frutas frescas, pães, queijo, ovos cozidos e salmão defumado, café quente com creme e fresco suco de laranja.

Duncan aceitou um copo de vinho de sangue. Seremela franziu a testa. Depois de uma insone e excessivamente estressante noite, ela estava morrendo de fome. Ele deve estar demasiadamente faminto. O vinho de sangue poderia ser como uma pitada, mas não tinha as mesmas qualidades nutritivas que sangue fresco.

Um pouco hesitante, ela perguntou:

— Será que este vinho de sangue, é suficiente para você, agora? Eu me sentiria honrada em ajudar se você precisar de sangue.

Duncan sorriu para ela. Parecia inexplicavelmente doce e malandro, e ela pensou que ele ainda parecia um pouco envergonhado. Embora ela não tivesse a certeza do que motivou sua expressão, não pôde deixar de sorrir de volta.

— Isso é muito gentil da sua parte. Vinho de sangue será suficiente para agora, obrigado.

Ela sentiu o rosto esquentar e deslizou o olhar para longe dele. Ela nunca alimentou um vampiro diretamente de sua veia. Suas mordidas eram famosas por induzir uma sensação de euforia em seus doadores. Talvez fosse por isso que ele parecia envergonhado. Ela olhou para Xanthe e Vetta. Provavelmente era muito bom que ele não precisasse de sangue fresco no momento.

Mesmo que o cansaço ameaçasse dominá-la, comeu rapidamente e bebeu várias xícaras de café, alimentada por um senso de propósito. Ela não iria relaxar enquanto eles não examinassem o item de Poder no avião.

Enquanto comia, ouviu Duncan e Xanthe conversarem.

— Por que matar Thruvialem vez de levá-lo de volta a julgamento? -Duncan questionou.

— Ele foi o último nobre envolvido na conspiração que matou a família da rainha. -Xanthe explicou. — O problema em levá-lo a julgamento era de que as provas que conseguimos reunir poderiam não ser suficientes para condená-lo. Lord Black Eagle deu a ordem para matar.

O nome estranho fez Seremela fazer uma pausa, até que percebeu que Xanthe se referia a Tiago, o senhor da guerra Wyr, que acasalou com Niniane. Ela conheceu Tiago, quando trabalhava como médica legista, em Chicago.

Estremeceu quando se lembrou do nervoso comportamento de Tiago. Ela havia sentido medo dele, e não tinha problema algum em imaginá-lo tomando a responsabilidade de ordenar a execução de alguém.

A mulher DarkFae continuou:

—Trabalhei a maior parte do ano para localizar a casa de Thruvial. Ele fugiu de Adriyel logo que as fronteiras abriram. Os julgamentos de seus companheiros conspiradores repercutiram consideravelmente, e o amedrontaram, mas não o impediu de cometer outros crimes desagradáveis no Portão do Diabo, incluindo exploração sexual, suborno e chantagem.

— Ele era um homem horrível. -Vetta sussurrou, com a cabeça inclinada.

— Ele machucou você de alguma forma? -Seremela questionou gentilmente.

Vetta olhou de soslaio, e Seremela podia dizer que a sobrinha sabia o que realmente havia perguntado. Vetta balançou a cabeça e disse-lhe telepaticamente:

“Ele pensava que eu era nojenta, mas queria me colocar para sair com os clientes que estavam interessados em experiências exóticas. A última vez que conversamos, lutamos, na verdade, ele ameaçou fazer uma cicatriz na minha cara se eu não fizesse os programas como ele queria. Fico feliz dele estar morto.”

Seremela respirava uniformemente, lutando para conter a raiva, enquanto ouvia.

— Estou feliz que ele está morto também. -disse ela. Terminou o café da manhã, engoliu a última xícara de café, colocou a bandeja de lado e pegou a mochila de Vetta. — Não relaxe muito ainda. -Seremela disse para a sobrinha que estava se inclinando para o lado no seu assento. — Precisa me falar sobre esse baralho de Tarot infernal. De quem roubou?

— Eu não sei. Era apenas uma mulher em uma parada de descanso. Peguei-o da parte de trás do carro dela, quando ela entrou no posto de gasolina. Eu poderia dizer que havia um formigamento de energia. No começo pensei que era legal. Então toda vez que eu consultava as cartas para mim mesma, a carta de morte se manteve aparecendo. Toda vez, tia Serrie. Terminou que eu não conseguia mais dormir. Me mantive verificando as cartas. Então comecei a rezar. Tinha absoluta certeza de que iria morrer no Portal do Diabo. -a voz de Vetta se rompeu no final.

Seremela segurou a sua mão em simpatia silenciosa. Vetta assistiu miseravelmente quando Seremela procurou na mochila, Duncan e Xanthe ficaram em silêncio para assistir também.

A mochila não continha qualquer coisa de muito valor. Um maço de Marlboro vermelho, um isqueiro, um lenço que cheirava a patchuli e fumaça, alguns cosméticos, uma carteira com o RG, cartões de crédito de Vetta e algum dinheiro. Era incomum que ninguém pegou o dinheiro, o baralho ou os cartões. Mas suspeitava que os funcionários que trabalhavam para Malphas fossem escrupulosamente cuidadosos sobre a conduta.

Uma caixa de madeira estava no fundo da mochila. Seremela a puxou e colocou sobre a mesa. Era claramente a fonte do brilho de Poder. A tampa da caixa tinha uma pintada à mão, um estilizado rosto. Um lado do rosto era masculino, e o outro era feminino. Era Taliesin, o deus da Dança.

Ela abriu a caixa, tirou o baralho de cartas e virou o topo, uma das principais Cartas de Arcana. O retrato de uma mulher de ouro, em um carro com sete leões, sorria para ela. Inanna, a deusa do amor. Ela virou algumas outras cartas, e cada uma era requintada.

Além de ser um item de energia, o baralho era uma obra de arte.

— Oh, Vetta. -suspirou e esfregou a testa enquanto estudava o baralho.

Sua impressão inicial permaneceu a mesma. Debaixo da aparência de calma energia, as cartas tinham uma profundidade sutil, mas notável. Finalmente, balançou a cabeça, e apertou a boca.

— Não tenho ideia da origem desta magia. -disse Seremela. — Não é Light Fae ou DarkFae, Elven, Wyr, Demonkind, humana ou qualquer outra energia que já encontrei. É mais poderoso do que ele parece na superfície, e nem tenho certeza do que este Poder pode fazer. Talvez seja apenas uma ferramenta para adivinhação. Eu não sei. - encontrou o olhar de Duncan quando continuou. — Eu não senti nada abertamente ofensivo ou perigoso na magia, mas não gosto de magia que não entendo, e eu não confio nela.

Xanthe estendeu a mão para tocar uma das cartas, seus olhos cinzentos alargaram.

— Eu acho que elas são bonitas. -Xanthe admirou.

Quando as pontas dos longos dedos de Xanthe tocaram uma carta, Seremela sentiu o Poder no baralho se direcionar para a outra mulher.

— Vocês sentiram isso? -Seremela indagou sem fôlego.

Todos os três olharam para ela e negaram com a cabeça. Vetta se afastou um pouco do baralho, as mãos enfiadas debaixo dos braços.

— O que você sentiu? -Duncan perguntou a Seremela.

— Está puxando em direção a você, como se ele quisesse ficar contigo. -disse Seremela a Xanthe.

— Oh, por favor, leve o baralho com você! -Vetta falou apaixonadamente. — Por favor, Xanthe, leve para muito, muito longe.

Seremela não queria assumir a responsabilidade do baralho de Tarot e Vetta se recusava a tocá-lo. Xanthe estava disposta a levar o baralho de Tarot para Adriyel, para ver se poderia descobrir alguma resposta sobre suas origens e seu criador ancião DarkFae, assim, no final, foi o que decidiu fazer.

Xanthe desembarcou em O'Hare Chicago com calma, agradecida. Tão logo o avião estava no ar novamente, Vetta se esparramou no sofá e adormeceu assim que ficou na horizontal.

Duncan e Seremela se moveram para a parte de trás do avião de modo que não perturbassem o sono da menina. Ele se acomodou no assento ao lado de Seremela. Ela parecia exausta, com escuras sombras sob os olhos, mas o olhar estava claro e brilhante. Ela sussurrou:

— Eu não posso agradecer o suficiente, Duncan.

— Shh. -disse ele em voz baixa. — Não há necessidade.

—Há toda necessidade. -suas palavras eram calmas, mas enérgicas. A boca delicada e a sua expressão eram tão bonitas, tão intensas, que Duncan teve que colocar os braços em torno dela e beijá-la.

A boca. Era como tudo o mais sobre ela, sensível e generosa com suavidade, marcada com determinação e caráter. Ele amava a sua boca, adorava beijá-la, principalmente quando ela entrelaçava os braços ao redor do seu pescoço e o beijava de volta. Despertado por sua gentil resposta sincera, o desejo sexual estava à espreita, pronto para atacar. Segurou-o firmemente sob controle. Agora não era o momento.

Relutante, ele se afastou, e o riso ameaçou irromper quando percebeu todas as cobras em volta dele novamente. Ele sorriu verdadeiramente.

— Por que sempre parece tão surpresa quando eu toco em você?

Ela desviou o olhar quando levantou os ombros.

— Muitas pessoas ficam enojadas com o pensamento de nos tocar, bem como Thruvial estava com Vetta.

—Thruvial era um porco. -Duncan puxou a atenção dela de volta. Ele disse deliberadamente devagar, olhando amplamente para ela. — Eu acho que você é a mulher mais bonita que já conheci, por dentro e por fora.

— Você acha? -felicidade iluminou as feições femininas

— Sim. Eu aprendi muito sobre você em um dia.

—Foi um longo dia. -Seremela ressaltou.

—Realmente foi um dia muito longo. -Duncan riu suavemente. — Você é inteligente e curiosa, perspicaz e aventureira, generosa e carinhosa. Mesmo sendo totalmente delicada, você sabe como atirar com uma arma, e é muito valente, especialmente quando está com medo. -deu um sorriso torto. — Espero que não se importe, mas estou me apaixonando por você.

Lá estava ele de novo, aquele olhar que só ela lhe dava, repleto de admiração e no limiar do prazer. Duncan ficou tenso esperando a resposta.

— Não me importo nem um pouco. -Seremela suspirou.

—Tudo bem, então. -ele relaxou e deu um beijo na testa dela. — Você sabia que Rigoletto está em cartaz nessa temporada?

— Eu amo as óperas de Verdi. -ela fez algo perto de um suspiro.

— Vou conseguir os ingressos. -prometeu, descansando a bochecha contra a têmpora dela.

Eles ficaram quietos, e depois de um tempo Duncan pensou que ela adormeceu. Ele não conseguiria. Estava muito cheio das sensações fabulosas do seu corpo curvilíneo quente pressionado contra o seu lado. Fechou os olhos e se afastou discretamente, deixando a imaginação correr sem rédeas.

Ele queria fazer coisas com ela. Queria ler com ela os jornais da manhã, segurar suas mãos em um cinema, caminhar pela praia numa noite de lua cheia. Queria que ela ligasse e o interrompesse enquanto estivesse trabalhando. Queria vê-la desfrutar de uma boa refeição. Queria mamar nos seios formosos, e penetrar em seu corpo macio, até que chegassem ao clímax. E queria adormecer em seus braços.

Ele queria mordê-la pra caralho.

Estava tão absorto no vermelho escuro de antecipação sensual, que ela o chocou totalmente quando sussurrou contra seu pescoço:

— Eu também te amo.

Deuses.

Ele sabia conviver com o vazio em sua vida, e sabia ficar sozinho. Havia tomado muitas amantes, mas depois de algum tempo, inevitavelmente queria se afastar. Observou seus amigos e familiares humanos morrerem. E nunca conheceu ninguém para enchê-lo de modo tão completo dizendo quatro das mais belas palavras em qualquer idioma.

Eu também te amo.

Não mais imerso em um tranquilo vermelho escuro, ele descobriu-se em um lugar acolhedor. E brilhante.

A irmã de Seremela, Camilla, veio de Atlanta. Ela estava esperando por eles no aeroporto em Miami, quando chegaram naquela tarde. Camilla e Vetta ficaram soluçando uma nos braços da outra, e depois de um momento Camilla virou-se para Seremela e a amarrou em um abraço. Mãos nos

bolsos, Duncan deu um passo atrás para dar às mulheres um pouco de espaço. Ele sorriu ao ver a expressão que Seremela quando ela sucumbiu ao abraço apertado de Camilla.

Em seguida, foi a vez dele.

— Obrigada. -Camilla agarrou suas duas mãos. — Muito obrigada mesmo. E sinto que deveria dizer muito mais, mas eu simplesmente não tenho palavras.

— Nós vamos nos conhecer adequadamente em outro momento. -Duncan disse a irmã de Seremela. — Mas enquanto isso seja bem-vinda. Curta ter sua filha de volta sã e salva.

— Vetta vai contar tudo o quê aconteceu. Estou cansada demais para falar. -Seremela disse à irmã.

— Eu posso ligar amanhã? -Camila pediu.

— Sim, é claro. -Seremela cambaleou quando Vetta jogou os braços ao redor dela, abraçando-a ferozmente. Eles ficaram por um momento em um intenso silêncio. Se elas falaram alguma coisa uma para a outra, foi telepaticamente, o que Duncan considerou ser melhor.

Depois de Camilla e Vetta saírem, um manobrista trouxe o carro. Seremela ficou e tentou explicar como poderia pegar um táxi para casa. Duncan ouviu pacientemente e então disse:

— Não seja boba. Claro que vou levá-la em casa.

Ela lhe deu um olhar de veado-na-frente-dos-faróis. Ele estava tão divertido e intrigado com isso, que caminhou dois passos para frente até seu peito roçou as pontas dos seios deliciosos.

—Temos negócios inacabados. -Duncan sussurrou.

A boca trêmula formou duas palavras silenciosas.

— Nós temos?

Apaixonar-se é um sentimento bonito, contanto que seja das duas partes. Ele sorriu e inclinou a cabeça até que seus lábios se tocaram. Então disse silenciosamente em seus lábios entreabertos.

— Sim, nós temos.

O percurso para a casa dela foi concluído em silêncio ardente. Ela não conseguia ficar parada e se remexia o tempo todo, as cobras vagavam sem descanso ao seu redor.

Ele não queria que ela relaxasse. Queria que ela vibrasse apaixonadamente, enquanto ele espreitava a sua presa para capturá-la finalmente, contra uma porta, armário, sofá, qualquer lugar, não importava qualquer uma das imagens fornecidas por sua aquecida fantasia estava ótimo, porque ele iria capturá-la, era apenas uma questão de tempo. Começou a ver vermelho, mas manteve-se sob controle selvagem enquanto dirigia com cuidado imaculado através do pesado tráfego de sexta-feira em Miami.

Perigo e violência sempre tocaram a vida de um vampiro de alguma forma. Ele nunca havia percebido como estava acostumado com isso, até que enfrentou o maldito pária Djinn e ficou chocado com a possibilidade de Seremela enfrentar o perigo e violência. Ela era muito boa, muito educada, amava ópera e filmes clássicos, e vivia em um mundo civilizado, legal, e não deveria nunca, nunca ter que enfrentar esse tipo de violência novamente.

Vagamente percebeu que estava se permitindo reagir ao que havia acontecido, e relaxar, ele não estava mais no controle.

A atmosfera no carro cresceu terrivelmente, dobrou pelo tempo que levaram para chegar na garagem subterrânea do apartamento dela. Ele estacionou e o ronronar silencioso do motor do carro desapareceu. Seremela começou a dizer alguma coisa, as palavras tropeçaram desajeitadas.

Olhando para frente, ele a interrompeu.

— Convide-me a entrar.

Ela tomou uma respiração rápida.

O pau dele endureceu, e Duncan balançou um pouco incomodado. Virou-se para ela e a viu olhando para ele com olhos arregalados. Pelo lado de trás da cabeça dela, três cobras olhavam para ele também.

Risos saltaram dele quando a visão quebrou a tensão. Estendeu a mão para uma das cobras, que tocou a ponta do dedo dele com um lampejo de luz de sua língua.

— Convide-me pra entrar, Seremela. Por favor. -ele soava vacilante.

— Eu adoraria que você subisse comigo. -ela sussurrou tudo em uma corrida.

Com isso, ele perdeu toda a capacidade de palavras ou pensamento coerente. De alguma forma, saíram do carro e entraram no elevador, onde ela se apoiou em um canto. Ele plantou uma mão na parede em cada lado de sua cabeça e olhou em seus olhos enquanto sentia o cheiro da excitação dela, cuja respiração tornou-se irregular, e ele observou os movimentos dos músculos em seu esbelto pescoço quando ela engoliu em seco, o padrão iridescente que marcava sua pele brilhando na luz do teto.

Seu adorável pescoço esbelto.

As presas desceram. O rosto se contorceu enquanto lutava contra si mesmo. Isso era muito forte para controlar. Ele era um estranho para si mesmo.

As mãos quentes e trêmulas acariciaram o tecido da sua camisa na altura do tórax.

— Está tudo bem. -ela sussurrou. — Eu quero que você me morda.

Ele ainda não sabia que havia tomado uma lufada de ar inútil até que correu para fora dele. A força de sua própria reação quase o mandou para os joelhos.

— Duncan! -ela soava e parecia atordoadada.

Ele baixou a cabeça lentamente, e passou a língua ao longo do ponto que estava pulsando velozmente em seu pescoço, lambendo a delicada carne deliciosa.

Ela o empurrou, assustando-o com a recusa. Com uma risada, como de bêbado, ela apontou atrás dele. Ele olhou por cima do ombro. As portas do elevador estavam abertas. Ah, certo.

O comprimento do corredor até a porta do apartamento era quase insuportável. Ele disse com a voz rouca:

— Depois de irmos à ópera, o que faremos?

— Eu não sei. -ela deixou cair as chaves e inclinou-se para recuperá-las.— Que tal um fim de semana na cama?

Ele pegou as chaves da mão dela, destrancou e abriu a porta antes que ela pudesse reagir plenamente.

— Estou de acordo.

Ela explodiu em gargalhadas. Então ele riu também. Isto era louco, ridículo. Ele poderia dizer que não se sentia assim desde que era um adolescente, exceto que ele tinha certeza de que nunca se sentiu dessa maneira.

Então, finalmente, eles estavam sozinhos dentro do apartamento escuro. Ela jogou a bolsa no sofá, e ele recordou que esqueceu o casaco no porta-malas do carro e, em seguida, perdeu esse pensamento quando ela saltou para ele. Ele a segurou quando ela envolveu braços e pernas ao redor dele, e ele caminhou para o quarto.

— Diga de novo. -Duncan pediu. — O que você disse no avião.

— Eu não sabia que você estava acordado. -os olhos brilhantemente coloridos eram luminosos com emoção e desejo.

Ele a deitou na cama com cuidado e se endireitou. E arrancou a camisa.

— Eu ouvi você. Diga novamente.

Seremela se ajoelhou em cima da cama na frente dele, e encontrou seu olhar enquanto estendia a mão para o fecho da calça jeans dele.

— Eu amo você, Duncan.

— Isso foi ainda melhor do que a primeira vez. -ele sussurrou, sorrindo enquanto apalpava os seios macios.

Seremela abriu a calça jeans dele e deslizou a mão dentro enquanto puxava a calça sobre os quadris estreitos. Uma sensação estranha deslizou ao longo de seu torso e braços.

Ele olhou para as cobras enquanto viajavam através de sua pele.

Seremela seguiu a direção de seu olhar e recuou um pouco, a expressão transformada autoconsciente. Ela ofereceu baixinho,

— Eu posso cobri-las, se você preferir.

— Não. -ele disse com firmeza.

Ela tirou algumas cobras longe dele.

—Tem certeza que não é demasiado para você?

Ele agarrou os ombros e olhou profundamente em seus olhos.

— Ouça-me. Eu não disse que estava apaixonado por você, se você tivesse que esconder uma parte de si mesma ou mudar algum aspecto para tentar me agradar. Eu disse que estou apaixonado por você, toda você. Não quero que

contenha a si mesma, negue a si mesma, cubra o seu rosto ou cabeça ou qualquer parte do seu corpo. Eu não quero que você perca ou ganhe peso, ou negue suas vontades, ou negue como se sente, ou tente ser qualquer outra coisa, além de quem você é, porque quem você é, é a mais bonita pessoa no mundo para mim.

Enquanto ouvia, a expressão em suas feições encantadoras ficou vulnerável, aberta. Enquanto ele certamente esperava que não tivesse sido a primeira pessoa a dizer-lhe coisas como essas, de forma contraditória, egoisticamente esperava que fosse o primeiro homem a fazê-lo. Ele agarrou uma das cobras, a beijou e a olhou.

— Você nunca vai me morder, vai?

— Elas nunca iriam machucá-lo. -Seremela o tranquilizou. — Elas morreriam em primeiro lugar.

—Há bom. -ele deu um sorriso torto. —Há quem goste de morder.

Os olhos dela ficaram muito amplos, e ela riu um som de surpresa alegre. Desabotoou a blusa e, em seguida, tirou o sutiã enquanto Duncan se livrava da calça jeans, e sua ereção pesada saltou livre.

Os seios eram deslumbrantes, exuberantes e cheios, os mamilos roliços vários tons mais escuros que o verde cremoso da sua pele. Ele inclinou-se, pegou um mamilo na boca e sugou suavemente. O ruído abafado que saiu dela era urgente e incoerente.

Ela embalou a cabeça dele, correu os dedos pelos cabelos macios e acariciou os ombros fortes.

Enquanto ele mamava, uma sensação de luz suave brilhou ao longo da pele sensível na cabeça do seu pênis, criando um forte prazer tentador. Ele olhou para baixo, quando a propagação da sensação seguiu ao longo do

apertado saco de seus testículos, e ao longo dos músculos do seu abdômen.

As cobras de Seremela passavam as línguas finas ao longo de sua pele.

Seremela ergueu a cabeça e olhou para baixo também.

— Elas estão provando você. -deu um sorriso de esguelha. — Sabem que eu te amo, e estão curiosas. - Seremela parecia esplêndida, selvagem e completamente sem restrições.

Por um momento, o fantasma do Duncan humano, lutou com aquela imagem. Mas as cobras de Seremela não eram criaturas do mundo, pois eram uma parte dela, e Duncan foi humano há muito tempo.

As presas desceram. Seremela olhou para sua boca e o olhar se voltou com pesadas pálpebras. Ela mostrou o pescoço para ele em convite sem palavras, e ele reuniu seu suave, curvilíneo corpo em seus braços e aliviou suas presas suavemente no pulso em seu pescoço.

O gemido que saiu estava cheio de sexo e entrega o som deslizou a o longo de seus sentidos aquecidos, quando sangue quente derramou em sua boca, e foi estranho, muito estranho. Ele se sentiu vibrando, desestabilizado, seu desejo por ela fora de controle. Ele rosnou enquanto bebia dela, enquanto ela se arqueava contra ele, ofegando. O seu sangue era mais forte do que sangue humano. Sentiu como levando um soco, e o mundo começou a girar.

Levantou a cabeça, respirando com dificuldade, e só então percebeu que ela estava lutando em seus braços. Por um momento terrível se sentiu doente e desorientado, até que percebeu o que ela estava tentando fazer.

— Ajude-me a sair dessas malditas calças de brim. -ela choramingou.

Os dedos de Duncan tremiam quando a ajudou a puxar o jeans até os joelhos. Em seguida, ela se deitou na cama e levantou as pernas para que ele pudesse tirá-las totalmente.

Totalmente nua, se espreguiçou, com os olhos vidrados com o persistente prazer de sua mordida, e ela estava linda e misteriosa de uma só vez, toda mulher e totalmente desumana. Ele passou os dedos até sua coxa e tocou as pétalas macias de veludo de seu sexo que já estavam molhadas de prazer. Ela agarrou seu pênis em uma mão, acariciando-o enquanto abria as pernas e disse-lhe:

— Vamos, entre agora.

—Quero ajudá-la a atingir o clímax primeiro. -ele descobriu seu pequeno broto duro, tão delicado e delicioso, e rolou o polegar sobre ele.

Ela empurrou-se para a mão dele de forma incontrolável e engasgou.

—É uma sensação muito boa, e muito intensa.

— Isso faz parte da mordida. Tudo é mais intenso agora. -ele deslizou dois dedos dentro dela, e ela estava mais macia e mais úmida do que qualquer coisa que sentiu antes, e malditamente confortável, ele sabia que, quando finalmente entrasse, ela estava indo para apertá-lo mais apertado do que um punho. Ele a fodeu delicadamente com os dedos, enquanto continuava a massagear o clitóris.

— Eu não consigo gozar. -ela soluçou e agarrou seu pulso.

— Você consegue. -enquanto trabalhava nela, Duncan inclinou-se para tomar o mamilo em sua boca de novo, sugando com cuidado, pois suas presas ainda estavam descidas e ele não queria feri-la. Ele estava se afogando em seu próprio prazer, imerso em seu prazer escaldante quando ela ondulou os quadris.

Em seguida, ela colocou a mão na parte de trás de sua cabeça e puxou-o com força contra os seios. As presas romperam a pele macia do seio, e sangue poderoso encheu sua boca novamente. Atônito, ele chupou com força, enquanto dirigia os dedos dentro dela, e ela contrariando o que havia dito, e sob o controle dele, gritou quando gozou.

Ele estava cego com a sua própria euforia e ainda pulsando com a necessidade. Manteve-se rígido, a palma da mão firmemente pressionada contra o clitóris enquanto os músculos internos pulsavam contra seus dedos. Ele não iria tirar, e não a deixaria até o clímax dela ter terminado. Logo a seguir, ela o chocou quando puxou a sua mão. Seremela se levantou e o empurrou de costas, e subiu em cima dele e o montou. Ela era a mais incrível visão que ele já viu o belo rosto estampado com intensidade enquanto ela tomava seu pau, o posicionou e se baixou sobre ele.

—Jesus. -disse ele. Seu próprio clímax disparou como uma bala. Ele a agarrou pelos quadris mantendo-a no lugar.

Ela caiu em cima dele, e ele a abraçou com todo o seu corpo. Depois de alguns minutos, ela perguntou:

— Nós vamos fazer isso muitas vezes, não vamos?

— Deus, eu espero que sim. -concordava plenamente.

Eles dormiram assim mesmo, com ele ainda dentro dela e ela esparramada como uma boneca de pano em cima dele.

Ele acordou primeiro. Sua ereção estava reduzida, mas não queria se mover e deslizar fora dela ou acordá-la. Ela era um peso suave e quente deitado sobre ele, e ele adorou, amou.

Então se acomodou um pouco e deixou a mente divagar. Talvez ela gostasse de joias. Talvez ela desfrutasse de um anel. Talvez ela gostasse, especialmente se ele caísse em um joelho quanto entregasse a ela.

Ele sempre pensou que desfrutaria do casamento, e acreditava que seria um bom marido para a mulher certa. Ele acabou de encontrar a mulher certa, agora.

Mas estava precipitando tudo. Eles ainda não tiveram o primeiro encontro ainda. Falando nisso, ele tinha bilhetes para comprar para a ópera.

Espere. Ele bocejou e perguntou:

—Que dia é hoje?

— Sexta-feira? -respondeu sonolenta.

— Excelente. Eu acho que o nosso primeiro encontro deve começar agora.

— Você ainda não tem bilhetes para a ópera. -ela coçou o nariz.

— Isso será o nosso segundo encontro.

Ela abriu os olhos e o observou cautelosa.

—Qual será o nosso primeiro encontro?

Ele rolou de costas, invertendo as posições, e sorriu para ela.

— Meu voto é para um fim de semana na cama.

— Oh, esse é o meu voto também. Em algum momento nós devemos ligar pra Carling e Runee avisar que estamos de volta. -ela riu.

— Nós podemos fazer isso segunda-feira. -ele apalpou o seio perfeito, enquanto o pênis endurecia contra a coxa dela. —Também devemos planejar o nosso terceiro encontro em breve.

—Hum, provavelmente. -o olhar dela ficou pesado quando tocou seu pênis. — Estou tão contente de estar de volta na minha própria cama.

— Estou feliz por estar na sua cama também. -ele moveu os quadris preguiçosamente, empurrando na mão dela.

A expressão dele suavizou com partes iguais de prazer e carinho.

— Então, você tem alguma ideia sobre o nosso terceiro encontro? -Seremela indagou feliz.

Duncan inclinou a cabeça, considerando-a. Ele pensou em contar a ela sobre a compra de um anel, e ficar de joelho, mas não queria assustá-la. Em vez disso, falou muito casualmente:

— Pensei que poderíamos ir às compras.

— Você gosta de fazer compras? -perguntou, completamente surpresa.

— Sim, eu gosto, às vezes. Quando estou procurando algo muito especial. -se inclinou para acariciar o pescoço dela.

Seremela fez um som ronronado e acariciou as costas dele.

— Parece que você tem algo específico em mente para a sua viagem de compras.

— Nossa viagem de compras. -ele corrigiu.

— Ok, nossa viagem de compras.

— E sim, eu tenho algo específico em mente, mas por agora, acho que devemos nos concentrar em nosso primeiro encontro.

Tonto de felicidade beijou-a em uma suave carícia prolongada. Eles viviam em um complexo e perigoso mundo, mas de alguma forma ela se tornou a pessoa mais importante para ele. Bem aqui e agora, eles eram as únicas duas pessoas no mundo, apenas os dois.

— Duncan, por acaso você sabe tocar piano? -ela perguntou.

— Por que diabos você me perguntar isso? -ele riu.

Ela acariciou seu rosto.

— Você me deu um certo olhar.

Divertido, ele perguntou: —Um olhar que disse que eu toco piano?

Ela bateu no nariz dele com um dedo.

— Diga-me, você tem um terno Bogart? Oh esqueça, você tem um monte de roupas, e todas elas são mais bonitas do que qualquer uma das roupas que eu tenho. Você por acaso acredita em premonição?

— Estou boiando completamente nesta conversa. - Duncan anunciou.

— Então provavelmente devemos parar de falar. -ela sussurrou revirando os quadris para ele.

— Estou bem com isso. -Duncan concordou inteiramente.

Ele começou a fazer amor com ela novamente, no mais excelente primeiro encontro, e ninguém disse nada coerente por um longo tempo.

Fim...



PARCERIA TAD – PL

TRADUÇÃO: Michele

REVISÃO INICIAL: Alexia

REVISÃO FINAL: Virginia

LEITURA FINAL: Carol Vênus

FORMATAÇÃO: IVI E ANNE

INFORMAÇÃO SOBRE A SÉRIE:

01 – DRAGON BOUND

02 – STORM’S HEART

03 – SERPENT’S KISS

3.5 - TRUE COLORS

04 – ORACLES MOON

4.5 – NATURAL EVIL

4.6 – DEVIL’S GATE

4.7 – HUNTER’S SEASON

05 – LORD’S FALL

5.5 – THE WILKED

06 - KINKED